

A REVISTA
DA FAMÍLIA
SALESIANA

546

SETEMBRO/
OUTUBRO
2014

BOLETIM **SALESIANO**



Dar
vida [★] *ao* *Sonho*

2014/2015

SUMÁRIO

546

SETEMBRO/
OUTUBRO
2014



8 SALESIANOS

Salesianos de marca que marcam

São vidas “de excelência” as destes seis salesianos, magistralmente retratados nos depoimentos e no traço, e que queremos homenagear no início do ano do Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco, eles que são afinal seus seguidores.



20 OPINIÃO
O casamento... da Rita e do Zé... a felicidade
Isilda Pegado



38 A FECHAR
«Dar vida ao sonho»
Simão Cruz

- 3 EDITORIAL
- 4 REITOR-MOR/OLHARES
- 6 IGREJA/DESCORTINAR
- 8 SALESIANOS
- 14 EM FOCO
- 16 BICENTENÁRIO
- 20 OPINIÃO
- 22 ECONOMIA
- 24 COMO DOM BOSCO
- 26 ENTREVISTA
- 28 MISSÕES
- 29 FMA
- 30 PASTORAL JUVENIL
- 32 FAMÍLIA SALESIANA
- 34 MUNDO SALESIANO
- 36 CONVERSA COM O PAPA
- 38 FUTUROS/ A FECHAR
- 39 VOCACIONAL

O Boletim Salesiano foi fundado por Dom Bosco a 6 de fevereiro de 1877. Hoje são publicadas em todo o mundo 51 edições em diversas línguas, com tiragem anual estimada em mais de 8,5 milhões de exemplares no total.

FICHA TÉCNICA

n.º 546 - setembro/outubro 2014
Revista da Família Salesiana
Publicação Bimestral
Registo na DGCS n.º 100311
Depósito Legal 810/94
Empresa Editorial n.º 202574
Diretor: Joaquim Antunes

Conselho de Redação: Ana Carvalho, Basílio Gonçalves, João de Brito Carvalho, Joaquim Antunes, Pedrosa Ferreira, Raquel Fragata, Simão Cruz
Administrador: Orlando Camacho

Propriedade e edição:

Provincia Portuguesa da Sociedade Salesiana, Corporação Missionária
Direção e Administração:
Rua Saraiva de Carvalho, 275, 1399-020 Lisboa
Tel.: 21 090 06 00, Fax: 21 396 64 72
boletim.salesiano@salesianos.pt
www.salesianos.pt
Distribuição gratuita
Contribuição mínima anual de benfeitor: 10 euros
NIB: 0035 0201 0002 6364 4314 3
IBAN: PT50+NIB, Swift Code CGDIPTPL
Membro da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Colaboradores: Ana Carvalho, Ángel Fernández Artime, António Ferreira, António Guilhermino Pires, António Joaquim, Artur Pereira, Basílio Gonçalves, Bruno Ferrero, Fernão Ximenes, Giorgio Aldrighetti, Gonçalo Carlos, Gualberto Fernandes, Isilda Pegado, Jaime Lucas, Jerónimo Rocha Monteiro, Joaquim Antunes, José Morais, José Neves, Luciano Miguel, Manuel Pinhal, Michael Fernandes, Miguel Mendes, Natale Vitali, Nuno Quaresma, Orlando Camacho, Rogério Almeida, Rui Madeira, Simão Cruz, Vanessa Santos
Capa: Lema do ano 2014/2015 das Escolas Salesianas

Execução gráfica: Involgar Graphic
Tiragem: 11.250 exemplares





Editorial



JOAQUIM
ANTUNES
DIRETOR

Valores espirituais

A Bíblia relata a construção da Torre de Babel e o modo como Deus confundiu os homens, dispersando-os por toda a terra e pondo-os a falar línguas diferentes, pois quiseram atingir o céu para serem *deuses* como Ele e não para O adorarem (cf. Gn 11, 1-9). A megalópole babilónica é o ponto culminante do pecado originário (cf. Gn 3, 5), que se difunde do primeiro casal até à humanidade inteira.

Este mito espelha bem a sociedade atual. Muitos ideólogos do século XIX e XX sentenciaram a *morte de Deus*, substituindo-O pelo homem ou pelo nada. Hoje, por todo o mundo, são moeda corrente o indiferentismo, o agnosticismo, o ateísmo prático e, em grande medida, o ateísmo teórico e militante.

Václav Havel afirmou que *“estamos a viver na primeira civilização global”* e, também, *“na primeira civilização ateia”*, tendo perdido os pontos de contacto com o infinito e a eternidade. Infelizmente, continua a verificar-se a tentativa de esvaziar a vida e a cultura da sua dimensão transcendente. Ora, um mundo exclusivamente marcado pela “cultura científica” – expressão que tantas vezes mascara o velho e desprestigiado positivismo –, é um mundo sem inquietações metafísicas e religiosas e, por isso, menos humano.

Importa, pois, refletir até que ponto a Família e a Escola dão às novas gerações uma mundividência capaz de incorporar os valores cristãos que dão forma e conteúdo a uma educação integral e permitem ao homem desenvolver a sua estrutural abertura ao mistério. As novas gerações têm o direito de receber, e a Escola o dever de transmitir, uma cultura em que os valores espirituais são parte integrante da sociedade. No início de mais um novo ano pastoral e escolar, em que se celebram os 200 anos do nascimento de Dom Bosco, urge potenciar este pressuposto fundamental. •

Para que a beleza renasça todos os dias no mundo



ÁNGEL
FERNÁNDEZ
REITOR-MOR
DOS SALESIANOS
DE DOM BOSCO

TRADUÇÃO: JOSÉ
ANTENOR VELHO

Que qualquer passo nosso, aqui e agora, seja realmente marcado por este esforço vital, por esta segurança da Fé, pelo nosso empenho e pela nossa missão de educadores e evangelizadores. Solidários com este nosso mundo e a sua história.

O pensamento central da minha mensagem, desta vez, é o seguinte: o olhar salesiano. Ver a vida, o mundo e os jovens com os olhos de Dom Bosco é, e deve ser sempre, um olhar de esperança, olhar de quem crê nas sementes de bem e de bondade que se encontram no coração de cada pessoa, de cada jovem, de cada pai e mãe.

Para demonstrar com mais intensidade o que lhes quero dizer, inicio a minha reflexão através de contrastes. A partir de um texto encontrado na internet, em diversos sites, copiado e reproduzido muitas vezes. Este texto descreve o nosso tempo como um tempo cheio de contradições e de paradoxos.

O texto assim se expressa: «O paradoxo do nosso tempo na história é que temos edifícios cada vez mais altos, mas moralidades mais baixas, estradas cada vez mais largas, mas horizontes mais estreitos.

Gastamos mais, mas possuímos menos; compramos mais, mas alegremo-nos menos. Possuímos casas maiores e famílias menores; temos mais comodidades, mas menos tempo. Temos mais instrução, mas me-

nos bom senso; mais conhecimento, mas menos juízo; mais especialistas, e ainda mais problemas; mais remédios, mas menos bem-estar. Guiamos com mais velocidade, mas temos menos paciência; trabalhamos até altas horas, e levantamo-nos cansados; vemos muita televisão, e rezamos raramente. Multiplicamos as nossas propriedades, mas reduzimos os nossos valores.

Falamos muito, amamos muito pouco e, com frequência, odiamos muito. Aprendemos como ganhar para viver, mas não como viver. Acrescentamos anos à vida, mas não vida aos anos.

Fomos e voltámos da Lua, mas não conseguimos atravessar a rua para conhecer um novo vizinho de casa. Conquistamos o espaço exterior, mas não o espaço interior.

Criamos coisas maiores, mas não melhores. Purificamos o ar, mas poluímos a alma. Dominamos o átomo, mas não os preconceitos. Escrevemos mais, mas aprendemos menos.

Planeamos mais, mas realizamos menos. Aprendemos a resolver as coisas, mas não a esperar. Construímos computadores com maior capacidade para conservar mais infor-

mação, para produzir mais do que nunca, mas comunicamos cada vez menos entre nós. Estes são tempos de fast-food e de digestão lenta, de grandes homens e pequenos caracteres, de lucros acentuados e relações vazias. Estes são tempos de dois salários e muitos divórcios, de casas muito bonitas, mas famílias destruídas. Tempos de muitas coisas na vitrine e nada no depósito».

Com tons semelhantes, o texto continua a descrever os paradoxos do nosso tempo... Devo admitir que alguns destes contrastes são certamente verdadeiros, mas o que desejo ressaltar de modo evidente é que o único mundo que temos aqui na terra é justamente este, não o imaginário, que só podemos conceber com nostalgia.

Temos apenas este no qual despertamos todos os dias, e a atitude mais corajosa, mais séria e mais profunda de um coração cristão e salesiano é dirigir olhares cheios de verdadeira esperança para esta realidade, a fim de descobrir todos os indícios de positividade que nela se escondem e transformá-los no que for possível.



Trata-se de um verdadeiro *mandamento* para o nosso coração salesiano quando se refere à educação e evangelização dos jovens.

Quando se trata deles, rapazes e raparigas, o compromisso fundamental é trabalhar, com todo o vigor da nossa fé, para que prevaleça sobre todas as realidades o valor absoluto da pessoa e da sua inviolabilidade, valor que é superior a todo o bem material e a qualquer estrutura.

É natural que, diante destas realidades, possamos muitas vezes sentir-nos subjugados pela carga negativa desta parte de existência que nos desgosta, mas como crentes não podemos permitir que a nossa *esperança* se torne frágil. Pelo contrário, precisamos de ser ainda mais audaciosos para anunciar que está, mais do que nunca, na hora da verdadeira esperança! Nem por isso, contudo, podemos fechar os olhos diante das realidades injustas, mas, graças à fé, é preciso abrir o coração ao Deus da Vida, Ele que jamais passa (nem de vida nem ao largo), e mergulhar na vida quotidiana, acreditando firmemente que podemos contribuir para a tornar melhor. •

Olhares



ARTUR PEREIRA
PROVINCIAL

Ponto de vista

Considero que o “ponto de vista” é a maneira como nos percebemos a nós mesmos e aos outros; o lugar que ocupamos e a missão que somos chamados a desempenhar. Tal “ponto de vista” dependerá das ideias básicas que suportam o nosso olhar.. Poderemos porventura afirmar que tudo depende de um “ponto de vista”? Talvez não. Mas uma coisa é certa: quando mudar o meu ponto de vista, mudarei de certeza a minha forma de pensar e agir.

Em meados do século XIX, em Turim, havia imensos eclesiásticos que desempenhavam o seu papel como ministros de Deus, mas as crianças e jovens para eles não contavam; havia escolas e educação, mas ninguém se preocupava com as cadeias repletas de adolescentes e jovens; havia adolescentes e jovens à procura de trabalho, mas nem por isso crescia a sensibilidade e a preocupação social.

Dom Bosco, porém, percorreu as ruas e as praças, visitou as prisões e fixou o olhar nos jovens pobres, famintos, desprotegidos, explorados, cansados, desempregados, à mercê da sorte... Viu e tomou uma decisão: a sua vida seria toda para os seus jovens. E, se os clérigos se afastavam, ele aproximava-se; se os seus jovens amigos iam parar à prisão, ia visitá-los; se não tinham trabalho, empenhava-se de tal forma que a ele se devem os primeiros contratos de trabalho...

Neste bicentenário, o olhar da Família Salesiana será um “olhar salesiano”, se se aproximar do olhar de Dom Bosco. Qual seria hoje o seu “ponto de vista”? •



Mosteiro dos Jerónimos
© André Figueiredo,
Creative Commons

Lisboa 2016

Patriarca convoca Sínodo

J. ANTUNES

D. Manuel Clemente convocou um Sínodo Diocesano para 2016. A assembleia deverá realizar-se em novembro de 2016, para assinalar os 300 anos da elevação da diocese de Lisboa a Patriarcado.

O Decreto do Concílio Vaticano II “*O Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja*” refere-se à necessidade de os Bispos, postos à frente das igrejas particulares, sentirem o dever de unir esforços nas suas dioceses para promover o bem comum. Esta prática estende-se aos primeiros séculos da Igreja e chega aos dias de hoje. E é assim que o Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, apresenta o Sínodo Diocesano 2016, a propósito de um pedido do Papa

Francisco, expresso na Exortação Apostólica *‘Evangelii Gaudium’*. O caminho do Sínodo será feito, no dizer do Patriarca, de “reflexão e ensaio que, sem dispensar o compromisso geral e de cada um, passarão necessariamente pelas comunidades cristãs da Diocese”. O caminho será feito tendo em vista dois objetivos indicados pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica a que já aludimos. O primeiro expressa-se como “*sonho missionário*

de chegar a todos” e o segundo como “*cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede*”. Estes dois objetivos exigem que cada cristão saia do próprio espaço de conforto para alcançar todas as “*periferias que precisam da luz do Evangelho*”.

É interessante reconhecer, nestes propósitos do Sínodo Patriarcal, os traços fundamentais propostos pelo Capítulo Geral 27, à Família

+ O que é um Sínodo?

A palavra tem origem no grego “synodos” e significa: caminho feito em conjunto. Foi traduzida para o latim como “concilium”, que quer dizer: assembleia.

O Sínodo Diocesano é uma assembleia que reúne leigos, consagrados e sacerdotes dessa Igreja particular, escolhidos para auxiliar o Bispo Diocesano no exercício da sua função, para o bem de toda a comunidade cristã. É um caminho de reflexão, avaliação, renovação, planeamento e programação, feito em conjunto, com a participação de todos.

O porquê de um Sínodo?

A inspiração para a realização de um Sínodo em Lisboa nasce como acolhimento e resposta à Exortação Apostólica do Papa Francisco, ‘A Alegria do Evangelho’ (publicada a 24 de novembro de 2013), um programa de missão geral e evangelizadora, em estreita sintonia com o processo de renovação da pastoral da Igreja em Portugal, a que fomos recentemente convidados.

O Sínodo acontece no contexto da celebração dos três séculos sobre a qualificação patriarcal de Lisboa, que ocorrerá em novembro de 2016. A sua preparação, a começar já, envolve-nos a todos num processo de discernimento, purificação e reforma, que, como diz o Papa, “não pode deixar as coisas como estão”.

Neste sentido, o nosso Bispo a todos quer escutar e convidar a vivermos em estado permanente de conversão e missão.

«Para que o impulso missionário seja cada vez mais intenso, generoso e fecundo, exorto também cada uma das Igrejas particulares a entrar decididamente num processo de discernimento, purificação e reforma». (EG n.º 30)

Estas indicações do Papa Francisco encontrarão na Igreja de Lisboa o mais fiel e pontual cumprimento, que se traduz na realização de um Sínodo Diocesano em 2016 [no tricentenário da qualificação patriarcal], cuja preparação começa desde já, para concretizar na Igreja de Lisboa este programa evangelizador, retomando e projetando para o futuro o melhor fundamento da nossa qualificação patriarcal.

D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa
www.patriarcado-lisboa.pt

Salesiana. Chegar às “periferias” é o lema de vida de muitos cristãos cujo ardor apostólico os impele a levar a mensagem cristã aos mais afastados, isto é, aos colegas da empresa, da escola, da universidade, do clube onde praticam desporto, às redes sociais, ao mundo da cultura e da economia e, também, porque não dizê-lo, a muitas comunidades cristãs que se encontram cristalizadas numa monotonia e num imobilismo espiritual que não irradia nem fulgor nem rasgo missionário. Só assim se pode estar “presente nessa grande sociedade de católicos e não católicos com aquilo

que é típico da fundamentação cristã que é o facto de ser imediata, independente e gratuita”, lembra o Papa Francisco.

Sendo este Sínodo um acontecimento eclesial circunscrito ao Patriarcado de Lisboa, onde a nossa revista tem a sua sede, não deixam de ser relevantes, para todos os católicos do País e para a Família Salesiana de Portugal, as diretrizes que traça e os caminhos que propõe, cumprindo assim aquele sonho missionário do Papa Francisco “de chegar a todos”. •

Descortinar



LUCIANO MIGUEL
HISTORIADOR

Caminhar juntos na Fé

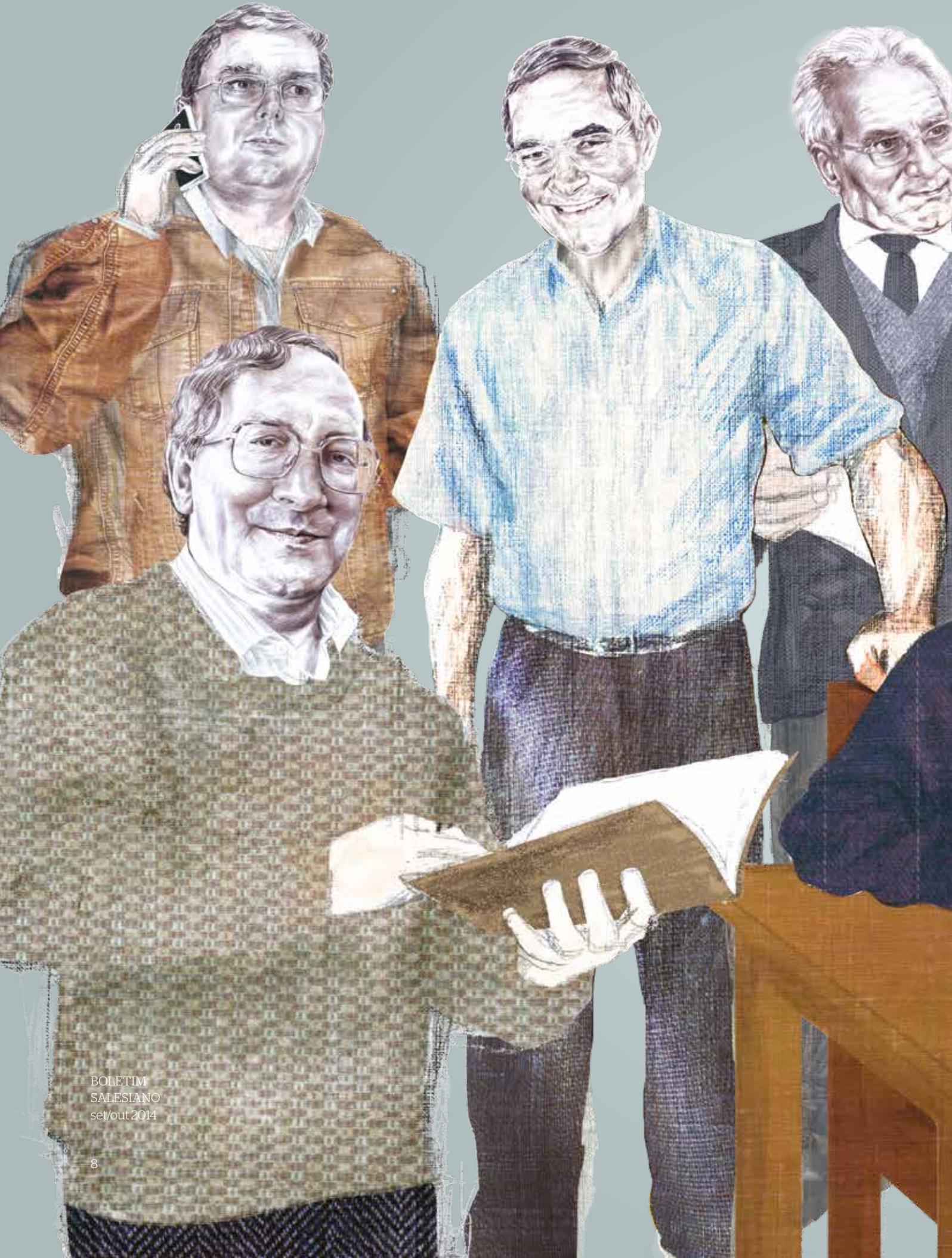
O predomínio do individualismo que hoje se nota não abafa os muitos apelos a “caminhar juntos, viver juntos, vencer juntos”. Basta recordar o último mundial de futebol e ver a importância que se dava ao “jogo em equipa” para alcançar a vitória.

Também o cristianismo começou por ser uma “equipa”, uma comunidade de crentes que caminhavam juntos. Lê-se nos Atos dos Apóstolos: “E todos unidos pelos mesmos sentimentos, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus” (1,14), “...como se tivessem uma só alma”. (2,46)

Mas quando o entusiasmo inicial deu lugar à monotonia, a Igreja sentiu necessidade de apelar a todos os cristãos para, juntos, “voltar à caridade primitiva”.

Uma das maneiras para conseguir esse objetivo foi a realização dos chamados “sínodos diocesanos”, em que o Bispo decide convocar os cristãos da sua diocese, eclesiásticos e leigos, para juntos encontrarem o melhor caminho a fim de avançarem na Fé. A palavra grega “synodos” significa precisamente isso: “Caminhar juntos”.

Foi assim no princípio, ao longo dos séculos, e deve ser hoje, para testemunharmos a Fé a quem desconhece ou abandonou o Evangelho. “Aprove a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente” (LG 9). Temos, portanto, de caminhar em povo para o Pai comum, e não ficar adormecidos numa fé morna. A fé é pessoal mas não é individualista. “A nossa fé é realmente pessoal somente se for comunitária. A fé nasce na Igreja, conduz a ela e vive nela” - diz Bento XVI. E o Papa Francisco reforça esta urgência: “Espero que todas as comunidades se esforcem por usar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). A mudança é, então, uma exigência para todos. É a altura de nos interrogarmos sobre que tipo de fé vivemos, se nos sentimos Igreja e se estamos dispostos, todos, a “caminhar juntos na Fé”. •



Salesianos de marca que marcam

São vidas “de excelência” as destes seis salesianos, magistralmente retratados nos depoimentos e no traço, e que queremos homenagear no início do ano do Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco, eles que são afinal seus seguidores.

Esta data memorável dos 200 anos do nascimento do fundador dos Salesianos deve ser celebrada reconhecendo nos SDB aqueles que continuam especialmente o seu carisma levando a Congregação Salesiana aos quatro cantos do mundo.

COORDENAÇÃO: J. ANTUNES
ILUSTRAÇÃO: NUNO QUARESMA





DAVID DUARTE BERNARDO
«O diplomata nato»

Conhecemos o padre David Bernardo, como Provincial dos Salesianos, quando já éramos antigos alunos. Ficámos de imediato impressionados com a sua forma de comunicar, simples e afável.

Ao longo dos seis anos em que esteve como Diretor dos Salesianos no Funchal, para além da grande obra física que liderou, deixou na comunidade educativa salesiana uma saudade imensa pela sua forma de estar, de dialogar, procurando sempre a solução e evitando a todo o custo o avolumar de conflitos. Líder na procura da responsabilidade individual de cada um, para que cada qual, cumprindo a sua parte, beneficiasse o todo, a todos encorajava através de uma palavra de reconhecimento, uma palmada nas costas, um sorriso afirmativo, cumprindo com naturalidade a pedagogia do Mestre Dom Bosco.

As entidades governamentais com quem se relacionou, na Pérola do Atlântico, sempre encontraram neste “diplomata” uma pessoa de elevada confiança, reforçando, com o seu agir, a credibilidade da Congregação, conseguindo assim vários apoios financeiros para a modernização do corpo central do Colégio e da construção das Piscinas.

Para desanuviar, convidámos algumas vezes o padre David para uma pequena tertúlia gastronómica onde trocávamos ideias sobre a sociedade madeirense e a importância dos Salesianos na mesma. No dia seguinte, nunca deixava de agradecer realçando, com graça, o néctar degustado e a ementa invariavelmente regional que muito apreciava. Deixou os Salesianos da Madeira para dirigir o Centro Educativo Salesiano de Manique onde se insere a Residência “Artémides Zatti”, casa que tem por missão zelar pela qualidade de vida dos seus irmãos Salesianos que, avançados na idade ou em dificuldades de saúde, merecem viver com dignidade os últimos anos de vida. E quem melhor que o padre David Bernardo para exercer esta responsabilidade?

A serenidade e simplicidade com que encara os problemas do dia a dia fazem deste salesiano um exemplo vivo de S. João Bosco. A sua missão ainda não terminou para bem da Congregação Salesiana e de todos aqueles que na sociedade o admiram e seguem os seus princípios. • JAIME LUCAS, PROFESSOR, E GUALBERTO FERNANDES, ARQUITETO



JERÓNIMO DA ROCHA MONTEIRO

«Imaginação e espiritualidade»

Conheci o Pe. Rocha Monteiro nos anos setenta. O dom da imaginação foi sempre um precioso aliado ao longo da sua vida. Do nada criava um poema, uma história, uma coreografia. O Pe. Jerónimo marcou e foi marcado por sucessivas gerações de jovens que educou. A pedra mais preciosa do seu zelo apostólico é essa invenção maravilhosa que é a Comunidade de Vida - um grupo de reflexão, canto e oração. Foram tempos muito densos, de intimidade com Deus. Que saudades dos Cursos Bíblicos, dos dias 13 de maio em Fátima, dos retiros em Cortegaça, dos Encontros de Oração e dos acampamentos!

O Pe. Jerónimo é um trabalhador incansável. Quem com ele convive já se habituou à sua



forma de caminhar apressada: anima retiros, confessa, prepara vigílias em Fátima, percorre o mundo inteiro como animador dos Antigos Alunos sempre com grande ardor apostólico.

Valorização a favor da missão: O Pe. Rocha procurou valorizar-se em áreas muito diversas. Ao curso teológico juntou o de piano em Sevilha. Mais tarde, licenciou-se em Filosofia, na Universidade do Porto. No Estoril, como diretor, consegue a profissionalização pela Universidade Aberta.

Valores: Tem uma sensibilidade estético-artística muito grande; maravilha-se com a música, a imensidão do mar, as flores, o universo, a generosidade das pessoas. Emociona-se facilmente com as recordações da sua infância, sobretudo quando recorda as palavras do seu pai no dia da sua ordenação e com o amor incondicional de Deus. Esse amor é cantado nas inúmeras canções que compôs. Outros amores são sua mãe e Nossa Senhora.

Música: É um dos arautos de Deus através deste meio extremamente eficaz para os jovens. Criou o conjunto "Ritmo 70", inovação absoluta na época. A sua felicidade era concretizar um sonho: "um dia havemos de gravar LP's". O começo das gravações fez-se paulatinamente. A aventura começou com o LP "Louvarei o meu Senhor". A Comunidade de Vida foi pioneira neste campo. O Pe. Rocha teve uma visão fantástica. Valeu a pena! Em 2010 recebeu o galardão "Consagração 2010" dos prémios Kerygma. Os cânticos do Padre Rocha tocaram o coração de várias gerações. • ANTÓNIO FERREIRA, PROFESSOR

FERNANDO JOAQUIM DE SOUSA VALENTE

«Marcou uma época e mudou o futuro»

O Pe. Fernando de Sousa Valente, homem de fácil trato, assumiu a missão salesiana em Cabo Verde com denodo e fê-lo de forma sábia e competente.

A sua liderança humana e espiritual marcou uma época e marcou as pessoas. Deixou rasto nos futuros dirigentes e gestores administrativos. Tenhamos presente a sua credibilidade nas instâncias eclesiais, culturais e sociais da ilha. A Escola foi galardoada pelo Presidente da República na década de 90 como instituição social de relevado mérito na educação e formação. Recebeu também em 2005, do Governo de Cabo Verde, a medalha de mérito como instituição que atingiu elevado *ranking* na educação e formação do homem cabo-verdiano.

Recordemos as visitas que fazia amiúde aos quadros do Ministério da Educação na Praia para tratar de assuntos relativos à vida da Escola. Recordemos ainda o contributo dado a nível do pensão do Ensino Privado e Cooperativo no país. Façamos referência também aos antigos alunos proeminentes, quer a nível camarário quer governamental, que o ajudaram sobremaneira na reconstrução do teatro, da renovação da capela de Nossa Senhora Auxiliadora e da construção do edifício onde funcionam agora as aulas do ensino secundário.

E, ainda, sublinhar o seu contributo a nível de cooperação internacional. Mencionar as boas relações com os Salesianos de Macau e com o Governador de então, no âmbito da aquisição de fundos com vista à remodelação do edifício da residência dos salesianos; sublinhemos também os esforços feitos para a construção dos pavilhões atra-

vés da cooperação com a Alemanha; sem esquecer os mais de 1500 profissionais que já se formaram nesta escola desde 1992. Um balanço que marca.

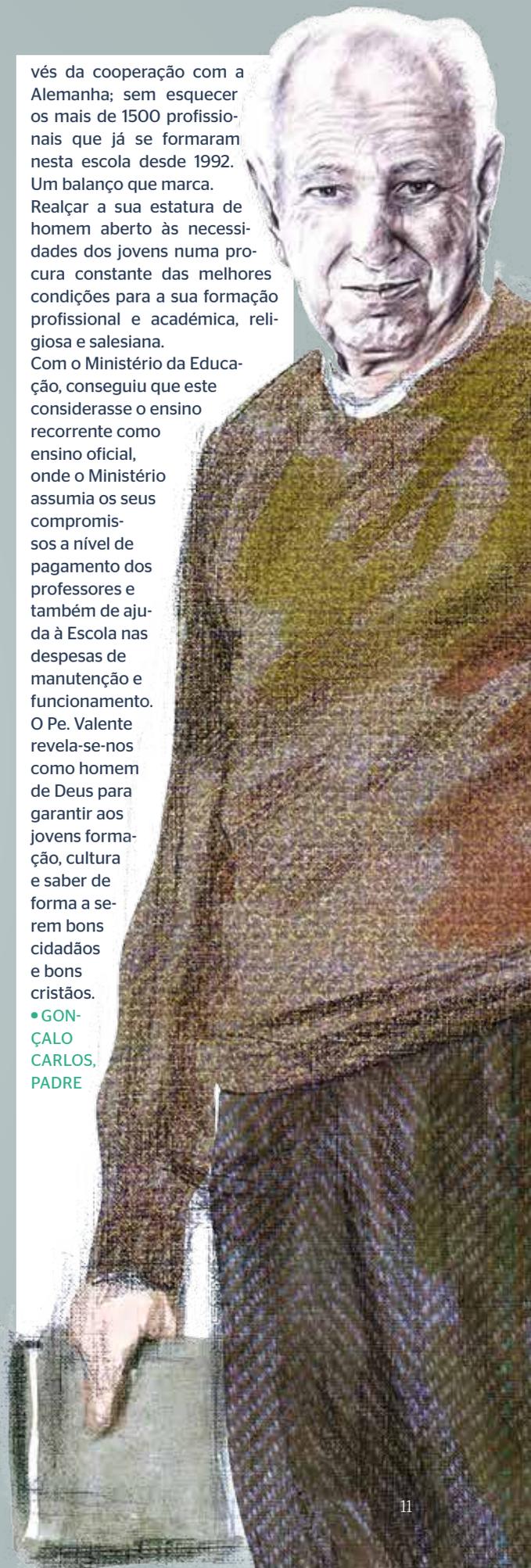
Realçar a sua estatura de homem aberto às necessidades dos jovens numa procura constante das melhores condições para a sua formação profissional e académica, religiosa e salesiana.

Com o Ministério da Educação, conseguiu que este considerasse o ensino

recorrente como ensino oficial, onde o Ministério assumia os seus compromissos a nível de pagamento dos professores e também de ajuda à Escola nas despesas de manutenção e funcionamento.

O Pe. Valente revela-se-nos como homem de Deus para garantir aos jovens formação, cultura e saber de forma a serem bons cidadãos e bons cristãos.

• GONÇALO CARLOS, PADRE



JOSÉ PEDROSA FERREIRA
«Um dos maiores polígrafos do nosso tempo»

Se bem me lembro, a primeira incursão do padre Pedrosa no campo da imprensa começou com os “editoriais” do jornal “Novidades”. Há já muito tempo...

A partir daí, foi um nunca mais acabar... É um dos maiores polígrafos do nosso tempo... Em janeiro de 2011 (segundo dados fornecidos pela Secretaria Provincial) já ia em 130 livros. Para ficarmos atualizados até aos dias de hoje, é preciso acrescentar muitos mais... Penso que é um dos salesianos mais conhecidos em Portugal, se não o mais conhecido...

Os seus livros são úteis, eficazes, subsídios sempre prontos a resolver dificuldades de última hora... Párcos, catequistas, pastoralistas, pregadores e evangelizadores estão-lhe muito agradecidos.

Não há área da imprensa religiosa católica onde a caneta brilhante e fecunda do Pe. Pedrosa não tenha penetrado: Deus, Jesus Cristo, Igreja, Sacramentos, oração, homilética, catequética, hagiografia, pastoral juvenil, “bons-dias”, “boas-noites”, vias-sacras, histórias, contos, etc., etc.

Se o leitor quiser melhorar a sua “dieta espiritual”, pode saborear alguns livros do

Pe. Pedrosa, com títulos que fazem crescer água na boca: Vitaminas espirituais, Histórias com sumo, Tutti Frutti...

Tem um gosto especial pelo n.º 70... E assim, escreveu: *70 dias com S. João Bosco*, *70 dias com Domingos Sávio*, *70 dias com Madre Mazzarello*.

E como a vida do Pe. Pedrosa ainda está muito longe do fim, podemos esperar muitos mais 70 dias com...

Atualmente é Diretor do *Juvenil* e do *Cavaleiro da Imaculada*.

E, na sua humildade, declara: “Nem tudo tem a mesma qualidade, mas arrisco e vou fazendo, à espera que outros façam certamente melhor”.

Força, Pe. Pedrosa! É o melhor!... É um “salesiano de marca”...

Continue a “marcar” a Província com os seus escritos, o seu ar discreto e circunspeto, o seu sorriso inteligente, os seus ditos com sabor a ironia fina...

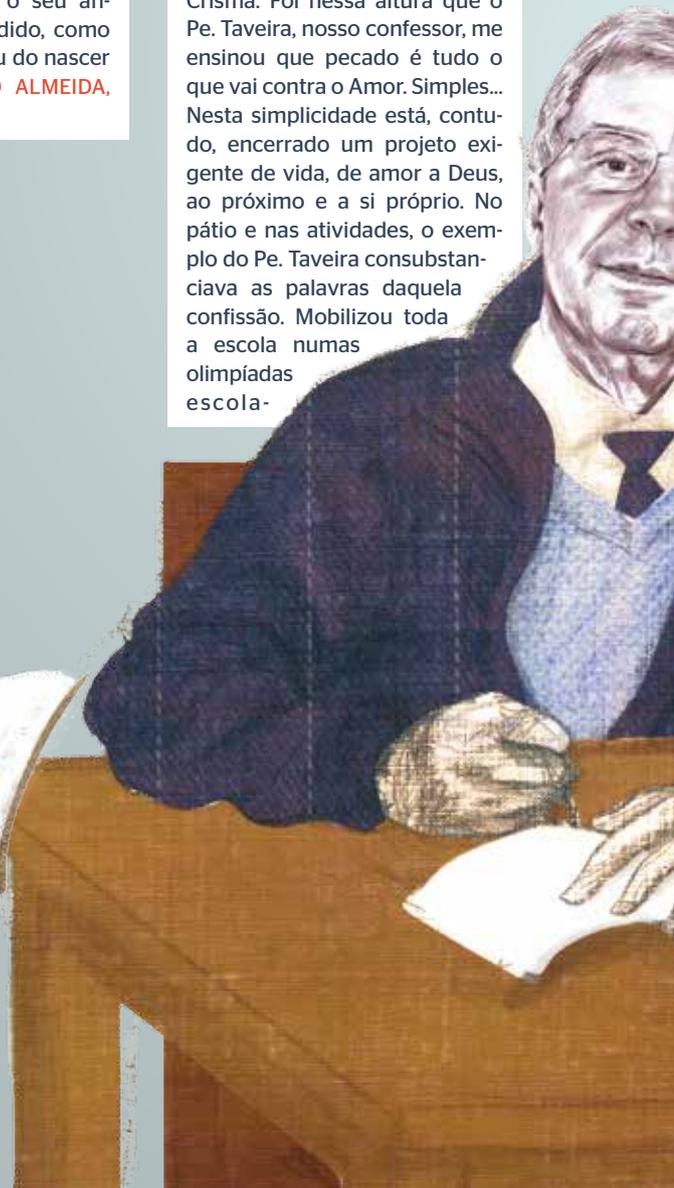
E ajude a Província a avançar para a frente, com o seu andar leve, firme, decidido, como quem nunca duvidou do nascer do Sol... • **ROGÉRIO ALMEIDA, PADRE**

JOAQUIM TAVEIRA DA FONSECA

«Reconheço-lhe o “rosto” de D. Bosco»

Na sua longa e ativa passagem pela escola do Estoril, o Pe. Taveira marcou várias gerações de jovens e suas famílias. Sinto-me um privilegiado por com ele conviver e aprender, reconhecendo-lhe o rosto de D. Bosco no amor aos jovens e ao próximo.

Sendo eu já aluno do 9.º ano, uma nova equipa de Salesianos chega ao Estoril, abrindo portas e janelas às brisas das esplanadas e da praia onde os jovens conviviam. Com um pequeno grupo de colegas, iniciámos timidamente um novo percurso catequético e espiritual que culminou no sacramento do Crisma. Foi nessa altura que o Pe. Taveira, nosso confessor, me ensinou que pecado é tudo o que vai contra o Amor. Simples... Nesta simplicidade está, contudo, encerrado um projeto exigente de vida, de amor a Deus, ao próximo e a si próprio. No pátio e nas atividades, o exemplo do Pe. Taveira consubstanciava as palavras daquela confissão. Mobilizou toda a escola numa olimpíada escola-



res de que todos sem exceção se lembram, pois tratou-se de acontecimento inclusivo. Todos, em grande alegria e entusiasmo, participaram, individualmente, em equipa ou enquanto turma. Uniu a Escola e aquela geração em torno de um projeto desportivo. Ensaiei-nos para que nos apresentássemos aos pais e professores em várias peças de teatro, retomando-se assim esta boa tradição de D. Bosco. Motivou a criação do clube e da rádio da escola. A escola passou a ser um local onde gostávamos de estar e as atividades envolviam-nos. Salesiano de convicções, simples e de mangas arregaçadas, deu-se-nos como só nos damos aos amigos.

Como professor, testemunhei a sua exigente liderança, o seu sentido de compreensão e do perdão como plataforma para se superarem as dificuldades.

Acolheu os meus três filhos na escola, dois deles fizeram a primeira comunhão tendo-o como celebrante e, tal como inúmeras outras famílias, guardamo-lo no nosso mais íntimo álbum de família.

No Centro dos Antigos Alunos, foi presença competente assídua e paternal. Contribuiu nas estratégias enquanto membro ativo da direção, organizou a pastoral e é uma referência na comunidade, sempre próximo, atento, disponível, amigo...

Tal como nos seus livros, convidado cada um a enriquecer este contributo com as suas experiências.

Obrigado Pe. Taveira.

• **ANTÓNIO SANTOS
JOAQUIM,
ARQUITETO**

**ORLANDO JACINTO
FERNANDES CAMACHO**

«A sua marca em todo o lado»

Orlando. Olho para as escolas salesianas e vejo pedacinhos de Orlando nos jardins, nas cores do chão, nas janelas, nas colunas, nos bancos, nas plantas, nos dias de festa, na palavra solidariedade, no lado esquerdo da t-shirt de tantos alunos, no lado esquerdo do peito de tantos educadores. São sementes espalhadas pelo sopro do coração e, por isso, regadas com carinho por quem é mais do que todos nós. Sementes que chegam ao norte e ao sul, à Madeira e a Cabo Verde. D. Bosco que vê do alto acompanha a mão e a vida de Orlando a escreverem em maiúsculas a palavra SALESIANOS. Sorridente, com aquele olhar que é o dele, pensa: outro sonhador!

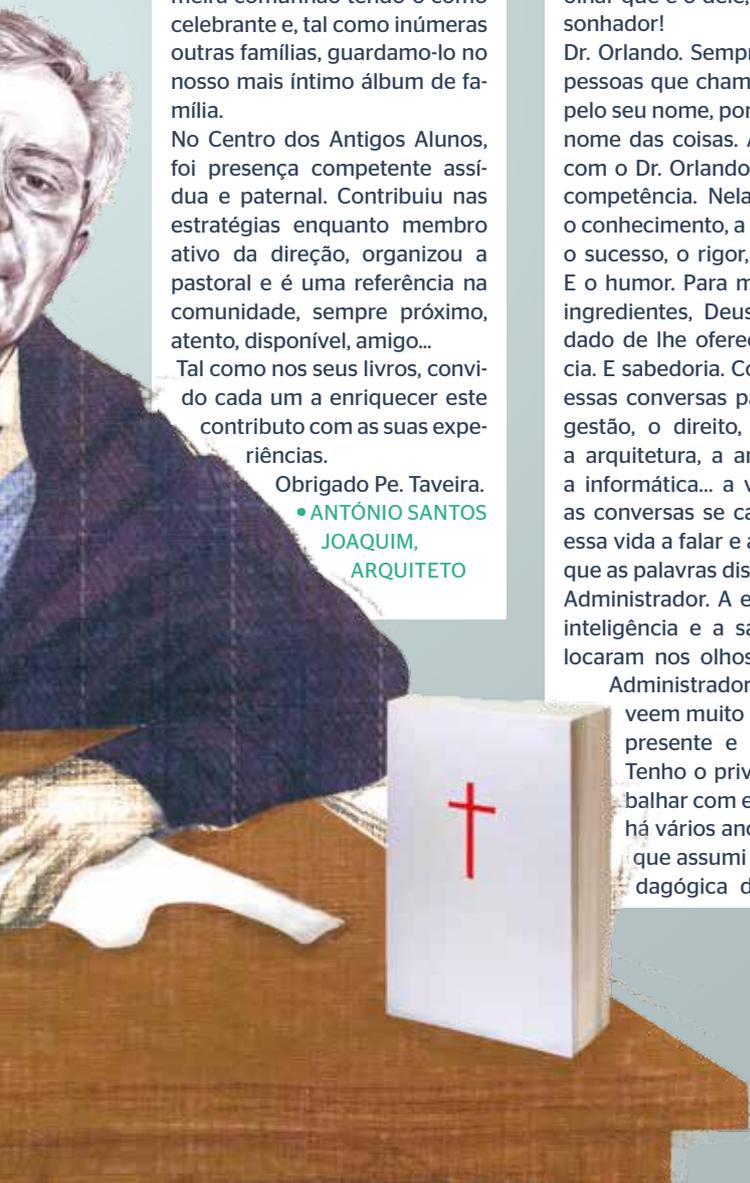
Dr. Orlando. Sempre admirei as pessoas que chamam as coisas pelo seu nome, porque sabem o nome das coisas. As conversas com o Dr. Orlando têm sabor a competência. Nelas valoriza-se o conhecimento, a investigação, o sucesso, o rigor, a qualidade. E o humor. Para misturar estes ingredientes, Deus teve o cuidado de lhe oferecer inteligência. E sabedoria. Com facilidade essas conversas passeiam pela gestão, o direito, a educação, a arquitetura, a arte, a poesia, a informática... a vida. Quando as conversas se calam começa essa vida a falar e a confirmar o que as palavras disseram.

Administrador. A experiência, a inteligência e a sabedoria, colocaram nos olhos de Orlando Administrador lentes que veem muito para além do presente e do evidente. Tenho o privilégio de trabalhar com este salesiano há vários anos. No dia em que assumi a direção pedagógica dizia-me com

carinho e convicção: “O Moraes agora tem de andar sempre uns meses à frente”. Esta capacidade de ver longe, de antecipar, de decidir o amanhã, converte o futuro num humilde servo que, ao tornar-se presente, normalmente lhe dá razão. Essas lentes têm a capacidade de rasgar horizontes e vislumbrar soluções quando se instala o nevoeiro da indecisão, do risco e da instabilidade. São 22 horas. Estou em minha casa.

Não sei se o administrador está em Lisboa, no Estoril, em Évora, no Porto, no Funchal ou em Cabo Verde. Sei que, se precisar agora do seu apoio, basta carregar na tecla O do meu telemóvel. Conversamos. Desligo, e fica a sensação de sempre: está aqui mesmo ao meu lado. Defeitos? Aponto um: Não me deixa terminar as frases porque adivinha quase sempre a última parte delas.

• **JOSÉ MORAIS,
PROFESSOR**



O BRASÃO DOS SALESIANOS

Da mihi animas caetera tolle

GIORGIO ALDRIGHETTI/REVISTA
"AUSILIATRICE"
TRADUÇÃO: BASÍLIO GONÇALVES

A Pia Sociedade de S. Francisco de Sales, fundada em 1859, tem como todas as instituições religiosas, um brasão espiritual próprio ou "carisma", característico da identidade, da missão, dos meios e dos métodos escolhidos pelo fundador e sancionados pela Igreja.

A descrição heráldica do brasão dos Salesianos é: «azul para a âncora de dois ganchos de prata, corda dourada, presa à haste, tendo à direita o busto do bispo S. Francisco de Sales de auréola dourada, rosto e mãos da cor da pele e vestes episcopais vermelhas, a escrever num livro de prata colocado numa escrivaninha ao natural, tudo surgindo das nuvens prateadas; tendo à esquerda um coração vermelho flamejante dourado, encimado por um cometa de seis pontas com a cauda de lado, tudo cor de prata; tendo na ponta um bosque que se projeta em colinas e montanhas cobertas de neve, tudo ao natural.

O escudo de forma oval é encimado por uma cruz latina trifoliada cor de ouro radiante; da ponta da cruz sai um feixe de raios dourados em barra que atinge a auréola do santo bispo. A contornar o escudo dois ra-



mos de palma e de louro ao natural, de folhas verdes, decussados nas extremidades e na bordadura superior duas grinaldas de rosas floridas e com folhas ao natural. A contornar o escudo, na listra bifendida e ondulante cor de ouro, o mote em letras maiúsculas em negro: *Da mihi animas caetera tolle*.

O primeiro Brasão aparece apenas em 1885

A Dom Bosco não interessava a heráldica; interessava a mensagem a oferecer aos filhos e aos amigos, precisamente como advertência para uma identidade.

Por consequência há neste brasão o dedo de Dom Bosco mesmo, que o sugeriu, definiu e sublinhou com um lema para que do conjunto transparecesse um programa. Mas não teve pressa de o propor.

A vinte e cinco anos da fundação, a Sociedade Salesiana não dispunha ainda do "brasão" próprio de todas as famílias religiosas. Como sinal identificativo, costumava imprimir-se a figura de S. Francisco de Sales com uma inscrição latina que designava a "Sociedade Salesiana". O brasão definitivo apareceu pela primeira vez de forma oficial no ca-



Reprodução em mosaico do brasão mandado fazer e aprovado por S. João Bosco

beçalho de uma circular datada de 8 de dezembro de 1885. Não se alterou desde então.

Os símbolos abundam. Da fé, a estrela. Da esperança, a âncora. Da caridade, o coração. A figura de S. Francisco de Sales indica o patrono da Sociedade: ela inspira-se num quadro histórico, mas o acrescento de uma folha de papel e de uma pena é para evocar, de forma verosímil, a atividade jornalística do santo e a atualidade (hoje diríamos “*mass-medial*”) que lhe reconhecia Dom Bosco, autor de livros e fundador de tipografias, editoras, revistas, livrarias, etc.

Maria Auxiliadora, a ausente sempre presente

Depois o pequeno bosque evoca o apelido do fundador. As altas montanhas significam os cumes de perfeição a que os sócios devem tender. O louro e a palma são emblemas do prémio reservado a uma vida virtuosa e sacrificada: o louro é símbolo de sabedoria, a palma de martírio. As rosas no alto parecem evocar um sonho de Dom Bosco, onde ele se viu a si e aos seus a caminhar com alegria no meio de um caramanchão florido, enquanto os espinhos pungentes faziam sangrar o corpo.

Para o mote, Dom Bosco propôs *Da mihi animas caetera tolle* por ele adotado desde os primeiros tempos do oratório itinerante. História e símbolos à parte, o brasão salesiano é um “condensado” de estímulos essenciais para qualificar todo o verdadeiro filho de Dom Bosco. Poderia parecer ausente a figura de Maria Auxiliadora da qual - dizia Dom Bosco - provém tudo o que é salesiano.

Mas o próprio fundador e todos os seus primeiros [seguidores], viram sempre nos emblemas da âncora, da estrela, do coração, também a referência a Jesus e a sua Mãe; e este é outro aspeto da densidade de significado que o brasão encerra. •

Dom Bosco fotografado naquele que foi o seu quarto entre 1853 e 1861



VISITA A VALDOCCO

Os aposentos de Dom Bosco

BRUNO FERRERO/ BOLETIM SALESIANO
ITÁLIA
TRADUÇÃO: BASÍLIO GONÇALVES

Nas próximas páginas acompanhe-nos na visita a Valdocco, para conhecer os espaços habitados por Dom Bosco.

Os aposentos de Dom Bosco permaneceram quase intactos até 1929, ano da sua beatificação. O padre Rinaldi adaptou-os como lugar de peregrinação, mandando construir a escadaria interior (dado que o acesso se fazia pelas varandas exteriores que ainda se conservam). Nesta altura perderam-se o letreiro “*da mihi animas cetera tolle*” e ou-

tros objetos. Em 1970 colocaram-se montras de exposição e organizou-se uma sala-museu. Em 2000 reordenou-se o conjunto, tal como hoje se mantém, colocando monitores explicativos no andar inferior e outros pormenores.

Primeiro piso: O espaço é dedicado aos aspetos e aos valores típicos

da Obra Salesiana. São dignas de nota as reconstruções da evolução da cidadela de Valdocco.

A escadaria: Quem sobe pode admirar nas paredes dois quadros de Crida. O primeiro, de 1954, representa Dom Bosco, Mãe Margarida e o Pardo, o cão de proveniência desconhecida que tantas vezes



O acesso ao quarto de D. Bosco era feito pelas varandas externas. Daqui D. Bosco observava o pátio



Fachada com a videira que trepa do pátio até às janelas do terraço, em recordação da que Dom Bosco mesmo plantou

acompanhou e defendeu Dom Bosco quando corria perigo de ser vítima de pessoas mal-intencionadas. A outra pintura (1929) representa Dom Bosco no ato de entregar as Constituições do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora a santa Maria Domingas Mazzarello.

Segundo piso: No quarto, usado pelo Santo entre 1853 e 1861 - que do antigo conserva uma amostra do pavimento em tijoleira -, é posto em realce o mote de Dom Bosco e da Família Salesiana: *Da mihi animas cetera tolle*. A reprodução do antigo cartaz é colocada ao lado da efigie de Domingos Sávio, reconstruída por Mario Caffaro Rore sob orientação do padre Alberto Caviglia em 1941, para recordar um significativo encontro entre mestre e discípulo, ocorrido precisamente neste quarto em fins de outubro de 1854.

Os objetos colocados na pequena montra são simples motivos, mas de grande valor simbólico, como o *fac-símile* de dois manuscritos relativos a acontecimentos determinantes ocorridos neste quarto. O primeiro documento é constituído por uma página autógrafa do padre Miguel Rua que verbaliza a primeira proposta feita por Dom Bosco a um grupo de rapazes, entre os 16 e os 18 anos, reunidos neste quarto em vista da fundação da Congrega-

EVOLUÇÃO DAS INSTALAÇÕES



1852: Acrescenta-se à casa Pinardi a Igreja de S. Francisco de Sales e do outro lado um ramo lateral formando um “L”.



1853-1855: Demolição e reconstrução da casa Pinardi e primeira fase da construção dos “novos aposentos”.



1853-1861: Pormenor do quarto de Dom Bosco. O acesso aos aposentos fazia-se por um patamar exterior. Da sua porta Dom Bosco via quase tudo.



1861: Reduplicação do edifício; o quarto de Dom Bosco passa a antecâmara e o novo quarto fica na parte nova. A janela foi transformada em porta. Ao fundo o novo quarto de 1861 a 1887.



1862-1876: Dom Bosco manda acrescentar um terraço diante da amplificação anterior.



1876-1888: Edifício completo como é atualmente.



- 1** Quarto de dormir de Dom Bosco;
- 2** Na última doença passou para o segundo quarto;
- 3** Sala de estudo dos rapazes;
- 4** Enfermaria;
- 5** A primeira tipografia.

Fac-símile em exposição: documento, redigido pelo jovem Miguel Rua, do encontro em que S. João Bosco propõe a alguns dos seus jovens do Oratório a fundação de uma Congregação e a ata da reunião em que efetivamente é oficialmente criada a 8 de dezembro de 1859



ção Salesiana: «Na noite de 26 de janeiro de 1854 reunimo-nos no quarto do senhor Dom Bosco: o próprio Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliari e Rua; foi-nos proposto fazer com ajuda do Senhor e de S. Francisco de Sales uma prova de exercício prático da caridade para com o próximo, chegar depois a uma promessa e depois, se parecer possível e conveniente, fazer um voto ao Senhor. Desde aquela noite foi dado o nome de Salesianos àqueles que se propuseram ou venham a propor-se tal exercício». O segundo documento é a ata da reunião oficial de fundação da Sociedade Salesiana, realizada na noite de 18 de dezembro de 1859.

O segundo quarto é a capela em que Dom Bosco celebrava nos últimos anos. No altar que ali se vê, o Santo celebrou a Missa até ao dia 11 de dezembro de 1887, última vez em que pôde oferecer o santo sacri-

Capela dos aposentos de Dom Bosco



fício. Nos dias seguintes a Missa era celebrada por algum dos seus Salesianos e ele acompanhava de cama, através da porta aberta, e depois era-lhe levada a Comunhão.

O ambiente é mantido por dois armários contendo alguns dos paramentos e dos objetos usados por Dom Bosco na celebração eucarística.

O terraço. O itinerário prossegue conduzindo-nos ao terraço, resultante da ampliação estrutural de 1876, lugar em que o Santo nos seus últimos anos passeava e confessava os rapazes. Há anedotas engraçadas associadas a este ambiente e à videira que se enganchava nas janelas, mas a atenção do visitante é desviada para outra coisa. Dom Bosco quis mandar construir este observatório para poder abarcar ao mesmo tempo com o olhar dois polos, característicos da sua tensão apostólica: os rapazes no seu ambiente natural, o pátio.

Num relicário estão expostos batinas, chapéus, cachecol e bengalas de passeio de Dom Bosco. Para lá do vidro que divide em duas partes o terraço, podem ver-se uma mesa grande mandada construir pelo Santo para as reuniões do Capítulo Superior da Congregação (encontrava-se na antiga biblioteca), o cadeirão no qual, revestido dos sagrados paramentos, foi colocado depois da morte para que os Salesianos, os rapazes da casa e os numerosos amigos e benfeitores pudessem vê-lo pela última vez, o genuflexório de que se servia para confessar os rapazes. Ainda hoje



uma videira trepa do pátio até às janelas do terraço, em recordação da que Dom Bosco mesmo plantou, cujas uvas gostava de vindimar pessoalmente e enviá-las de presente aos benfeitores mais estimados.

O quarto em que Dom Bosco morreu. Dom Bosco mudou para este quarto em fins de 1887, para ser mais bem atendido. Era levado em braços ou numa cadeira de rodas para o seu quarto-escritório ao lado para receber as visitas. Nos últimos dias já não conseguia levantar-se, até à morte, ocorrida na manhã de 31 de janeiro de 1888, às quatro e meia da manhã. O mobiliário do quarto conservou-se como então: leito e escadinha para subir, mesinha de cabeceira com castiçais, bacia e jarro, campainha de parede, divã, poltrona de rodas, cadeiras, quadros, mesa de trabalho.



O quarto que utilizou entre 1861 e 1887. O percurso continua com o quarto que Dom Bosco utilizou e em que trabalhou por 27 anos, de 1861 a 1887. Este quarto é testemunha de muitas grandes realizações, do florescimento dos seus carismas, dos sonhos e dos projetos, das alegrias mais profundas e dos sofrimentos mais dolorosos. Na escrivaninha que estamos a ver escreveu milhares de cartas ao Papa, aos poderosos, aos Salesianos, aos rapazes e aos benfeitores. Nela escreveu a maior parte das suas obras para os jovens e para o povo. O quarto servia-lhe também de gabinete em que recebia as suas numerosas visitas de todas as categorias sociais que diariamente a ele acorriam. Recorda uma testemunha: «Naquele quarto pairava uma paz de paraíso».

Depois da morte de Dom Bosco este quarto serviu durante 22 anos

(1888-1910) de gabinete e quarto de dormir ao seu sucessor, o beato Miguel Rua. No quarto conservam-se os móveis, o bengaleiro, o crucifixo de Dom Bosco e outros utensílios do antigo Oratório. Na escrivaninha com estante estão colocados objetos usados pelo Santo: a lamparina, o tinteiro e a pena. No pequeno mapa-mundo Dom Bosco sonhou as primeiras expedições missionárias dos seus filhos. Na parede está fixada a parte superior de uma pobre escrivaninha. Segundo uma tradição oral, este objeto, atualmente já sem patas, encontrava-se no quarto de Margarida Occhiena, nos dez anos que passou em Valdocco (1846-1856). Nele a mãe de Dom Bosco tinha os objetos pessoais e o que lhe servia para o seu trabalho de costura ao serviço do filho e dos rapazes. O guarda-roupa envidraçado conserva objetos usados por Dom Bosco: castiçais, chávenas,

copos e talheres; uma garrafa com água, que estava na mesinha de cabeceira durante a agonia; escova e tesourinha; fotografias.

O Museu. O percurso começa com uma coleção de nove enquadramentos do rosto de Dom Bosco de fotografias tiradas entre 1861 e 1888.

O segundo setor é dedicado a evocar a intensa e surpreendente atividade editorial do Santo. O terceiro é dedicado às construções de Dom Bosco.

O quarto reúne quadros e estátuas escolhidos por Dom Bosco, entre os quais a estátua de Nossa Senhora da Consolação que Dom Bosco tinha adquirido em 1847 pelo preço de 27 liras, único objeto conservado da antiga capela Pinardi. No quinto setor estão expostos uma dalmática de diácono, proveniente dos paramentos confeccionados entre 1927 e 1929 pelas Filhas de Maria Auxiliadora para as celebrações de beatificação e a urna de madeira dourada e de cristal feita na escola de escultura salesiana de San Benigno Canavese, utilizada nas procissões da beatificação (2 de junho de 1929) e da canonização (1 de abril de 1934) de Dom Bosco.

A última zona da exposição contém o púlpito da igreja de S. Francisco de Sales, o confessionário, o altar-guarda-roupa e a cátedra da «Boa noite». •

O casamento... da Rita e do Zé... a felicidade



ISILDA PEGADO
FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
PELA VIDA

ILUSTRAÇÃO:
NUNO QUARESMA

A felicidade familiar faz-se de alegrias, cansaços, desafios, dificuldades, reveses e entraves, amigos...

A Rita e o Zé casaram, já lá vão 14 anos e têm três filhos (maravilhosos!). Ambos têm uma profissão exigente - ele é engenheiro informático e ela economista num Banco. O dia-a-dia é "espartano". É o Zé quem leva os filhos ao infantário e ao Colégio e a Rita, que sai do Banco mais cedo, vai buscá-los pelas 17 horas para os levar às atividades desportivas e à música ao fim de tarde.

Em alguns dias o Zé assegura a saída do karaté e da natação. A Rita cuida das compras, dos jantares e dos lanches para o dia seguinte. Na lida da casa têm a D. Augusta que em duas tardes dá uma ajuda nas roupas e nas limpezas maiores. Mas há sempre mais coisas para fazer em casa...

Com os custos do infantário, do Colégio e das prestações da casa e do carro, o orçamento familiar não permite aventuras.

Quando, por volta das 10 horas da noite, têm os filhos deitados, sentam-se então a jantar. A Rita tem o cuidado de pôr a mesa, muito bem posta... é um "mimo" para ambos.

Aquela é a hora deles - contam um ao outro as histórias do dia de trabalho, os recados da escola dos filhos, a doença da mãe do colega da Teresinha ou comentam a "patetice" que o Parlamento agora quer aprovar ... (barrigas de aluquer!!!).

Aquela hora nem as sogras telefonam. Ou, quando o fazem, ouvem do lado de cá "mãe, estamos a jantar..." - "desculpa filha, amanhã falo-te..."

Naquela hora a conversa é tal, que já tem acontecido o Joãozinho acordar mas não se "atreve" a incomodar, e fica embalado pelo sussurrar das conversas dos pais.

Quando chega sexta-feira é como se um "largo mar" se abrisse. Vai haver tempo para tudo (que não vai ...). Mas, bom... bom... era pedir aos avós Silva para no sábado depois da explicação da Teresinha e da catequese, oferecerem jantar e dormida aos netos... "Quem pede?" "Os meus pais nunca te dizem que não..."

No domingo de manhã ao acordar, a Rita diz "estou cheia de sauda-

des dos miúdos, o jantar de ontem em casa dos Alves foi bom, mas falta-me o barulho dos miúdos a saltar para a nossa cama". O Zé, sempre prudente, diz "olha que a Teresinha tem 11 anos e, bem cedo, vai deixar de vir para aqui".

De repente, recordam que à tarde é preciso levar o João e o Pedro ao aniversário do Manelinho que vai ser em Bucelas... levá-los e ir buscá-los... "Temos de vir cedo porque amanhã é dia de trabalho!"

No carro os manos mais novos pegam-se a beliscar - a mãe Rita intervém primeira, segunda e terceira vez... o pai Zé "ri-se por dentro" porque também fazia o mesmo com o Henrique, seu irmão mais novo, "a família é a primeira escola, onde se medem forças e se testa a relação com o outro", pensa. Na missa do meio-dia tinha acontecido o mesmo. A Rita até "transpirava" para não criar incómodo às pessoas que estavam ao lado, com as traquinices daqueles seus dois filhos e, mantê-los atentos. "É o crescimento" - conclui o Zé.



Ao chegar a casa a Teresinha diz que ainda lhe falta terminar a “ficha de matemática”. Esgotado, o Zé reprende-a, mas ajuda-a... é assim!

O fim-de-semana está a terminar. Não houve tempo para nada. Não houve descanso. Talvez ainda tenha sido mais exigente do que a semana? Ou não? Ou, é outro cansaço? Ou, é uma Grande Dádiva ter esta vida cheia... de dificuldades... de cansaço... de desafios... de amigos e familiares... de alegrias...

Ou é mesmo algo de muito Bom-fazer o que tem de ser feito. E olhar a cara dos filhos, vê-los crescer. Ver crescer a cumplicidade que se gera nas dificuldades, nos reveses e entaves da vida a dois.

O avô Joaquim bate à porta, entra e vê a Rita a ultimar o jantar, enquanto dá um olho nos banhos e vê o Zé ajudar na matemática da Teresinha, enquanto completa um

“

O fim-de-semana está a terminar. Não houve tempo para nada. Não houve descanso. Talvez ainda tenha sido mais exigente do que a semana? Ou não? Ou, é outro cansaço? Ou, é uma Grande Dádiva ter esta vida cheia...

”

programa da sua empresa..., o avô Joaquim deixa apressadamente um pão-de-ló de Ovar e diz, tal como aprendeu no Oriente, **“O que é fácil não presta”**. •

O próximo século **da** **missão salesiana**



ORLANDO
CAMACHO
ADMINISTRADOR
PROVINCIAL

O desafio para quem educa é enorme porque antecipar o futuro não é fácil.

A celebração do bicentenário do nascimento de S. João Bosco é uma excelente oportunidade para prepararmos o próximo século da missão salesiana. Esta continua a mesma, mas os desafios são profundamente diversos.

A sociedade precisa de uma nova geração bem preparada do ponto

de vista académico e profissional, humanamente madura, com pessoas socialmente integradas, em que os jovens possam adquirir uma progressiva autoestima e autonomia.

Hoje são os jovens que emigram e não os pais. Já não levam a *mala de cartão* mas o *tablet*, não vão para a

construção civil mas para trabalhos qualificados, não vão para voltar mas para ficar. Conseguem os melhores lugares em *clusters* de excelência, chefias das maiores empresas, grandes responsabilidades em todas as áreas, em diferentes níveis e nos locais mais imprevisíveis.

© Mazur,
Catholic News



A economia global obriga à partilha de conhecimentos, de competências, de investimentos e de lucros. O *i-pad*, por exemplo, é montado na China, mas incorpora componentes de sete países, correspondentes a um valor acrescentado de 85%. É urgente educar para o trabalho em equipa, ensinar a fazer e, sobretudo, a pensar.

Os acontecimentos sucedem-se cada vez mais rápidos, são cada vez mais universais, espartilhando o tempo em espaços cada vez mais reduzidos, mais díspares e sincopados. A tendência para a dispersão avassala as mentes, o risco da superficialidade é enorme, o sentimento do vazio invade-nos naturalmente.

A comunicação e socialização potenciam uma despersonalização progressiva, acontecem nas redes sociais virtuais, adquirindo uma abrangência global. Conhecemos e tornamo-nos amigos de gente de todas as raças, especialidades e sensibilidade. A distinção entre o bem e o mal esbate-se, a tolerância acrítica acontece e, juntamente com ela, o alheamento, o indiferentismo, o subjetivismo e o relativismo. Tudo isto é fator e efeito de uma progressiva consciencialização de que tudo se equivale. Os nossos valores esfumam-se frente ao diverso e ao exótico, criando uma mescla que, mais que saudável, se pode tornar invertebrada.

Temos de lidar com um risco crescente de conflitualidade religiosa a uma escala global. O radicalismo religioso não se compagina com a tolerância da sociedade ocidental. O cristianismo nem sempre se livrou da manipulação religiosa para atingir fins políticos. O tema religioso, que o ocidente perigosamente prefere ignorar, irrompe em muitas latitudes com uma crescente e virulenta radicalidade. Talvez isto ajude a aprofundar os autênticos valores cristãos, que uma certa modernidade procura eclipsar.

Mas um acontecimento pode mudar o rumo do futuro. Um cataclismo natural, uma guerra em grande escala ou um vírus mortífero po-

dem arrasar parte da humanidade e pôr à prova a solidariedade da outra parte. A descoberta de uma nova fonte energética pode tornar obsoleta grande parte da tecnologia existente. A descoberta de um elixir da longevidade pode arrastar a vida para idades mais prolongadas, desvalorizando a infância e a juventude, promovendo a conflitualidade e tornando ainda mais insustentável a solidariedade intergeracional.

O futuro pode ser semelhante a isto ou completamente diferente. Há processos que nos são alheios e incontroláveis, mas há formas de preparar o futuro e de o influenciar. Há decisões políticas a todos os níveis e em todos os âmbitos que podem, de alguma forma, determinar o nosso futuro coletivo. A educação na família, na escola e nas comunidades tem de despertar para os compromissos da cidadania. É preciso educar para o imprevisível, mas prevendo com suficiente lucidez a sociedade que queremos construir e em que valha a pena viver.

O sucesso depende mais da escola que se frequentou que do lugar ou da família onde se nasceu. Se a busca de competências tende a ser universal, o sucesso é cada vez mais individual. O emprego por compadrio vai dando lugar ao mérito, a unidade empresarial familiar cede o passo às grandes empresas, a estabilidade no trabalho já não depende de um único empregador.

A Igreja tem de relançar a primeira evangelização, que deixou de ser

dada na família, sendo mais carismática que hierárquica, mais social que aristocrática, mais pastoral que dogmática. Uma Igreja que defenda a vida, as pessoas, as famílias. Os salesianos têm de estar à altura e preparar os jovens para os novos desafios. A educação é um bem cada vez mais transacionável. Proporcionar uma educação quase exclusivamente “doméstica” é promover o desemprego!

O desafio para quem educa é enorme porque antecipar o futuro não é fácil, sobretudo quando a realidade do presente nos foge a uma velocidade estonteante. Certo é que o futuro será cada vez mais incerto, obrigando a especialidades sucessivas e cada vez mais díspares. Há que preparar os jovens para o pior cenário, esperando sempre o maior sucesso. É preciso dar-lhes uma preparação intelectual sólida, capaz de os situar no tempo e no espaço, fornecer-lhes competências técnicas e de socialização que os capacitem para o trabalho em equipa, inculcar-lhes valores sólidos que os tornem capazes para um tolerante encontro de culturas, sem perda da própria identidade.

Sonhamos com uma sociedade que respeite a vida e as pessoas, que ponha a evolução tecnológica e científica ao serviço da vida, que use os lucros para mais e melhor bem-estar, eliminando os vários tipos de pobreza e proporcionando uma vida justa e feliz para todos. •

“

O sucesso depende mais da escola que se frequentou que do lugar ou da família onde se nasceu. Se a busca de competências tende a ser universal, o sucesso é cada vez mais individual.

”



Ensinar a escrever: parece-lhe pouco?



BRUNO FERRERO
DIRETOR DO
BOLETIM
SALESIANO
ITALIANO

Como lubrificar as engrenagens do cérebro e desenvolver uma mentalidade projetual.

Os nossos filhos habitam num mundo de potencialidades. Mas é necessário dar-lhes instrumentos para tomarem consciência disso e vigor mental para as aproveitar. O século XXI pertence às pessoas que estão em condições de pensar de modo audazmente criativo e quem não estiver em condições de

desenvolver estas capacidades está destinado a sucumbir, profissional e socialmente, num mundo inundado de informações onde, para fazer a opção correta, é necessário ter capacidade de síntese ou intuição bem exercitada.

Quando uma criança escreve é como se, sem se dar conta, lubrifi-

casse as engrenagens do cérebro. Escrever reforça a memória, a linguagem, a atenção aos pormenores, a capacidade de resolver problemas e outras importantes funções cerebrais, harmonizando-as entre si. É por isso mais que justificado insistir para que uma criança aprenda a escrever com desenvoltura. Pare-

ce uma coisa sem importância e ao invés serve para reforçar as funções neuro-evolutivas úteis ao longo de toda a vida, e não só para escrever.

É necessário pensar a escrita como um processo de constante polimento e de aperfeiçoamento dos próprios pensamentos e do modo de os exprimir. Muitas vezes, ao invés, os jovens veem-na como uma tarefa a terminar rapidamente, para não ultrapassar o limite de tempo fixado pelos professores. Responder a um questionário, fazer uma avaliação, tomar apontamentos, habitua-nos a considerar a escrita como uma competição de velocidade intelectual. É claro, portanto, que não conseguem vê-la como um paciente trabalho de cinzel. A fase preparatória e a de planificação são fundamentais e o grosso do trabalho desenvolve-se lentamente, com numerosas pausas de reflexão. Trata-se de aprender a concentrar-se e a “pensar num assunto”.

Ensinar a escrever prevê diversas fases sucessivas:

1. Planificação estratégica. Existem diversas estratégias para facilitar este processo, que comportam a resposta às seguintes perguntas: Que é que se me pede? Que tipo de texto o professor quer de mim? Em que medida devo respeitar o tema e em que medida posso inventar? Que tipo de abordagem me convém utilizar: irónica, séria, concreta ou interpretativa? Como posso fazer para tornar mais eficaz o meu processo de escrita? É melhor subdividir o trabalho em fases ou procurar terminá-lo de uma vez? Devo fazer uma lista de itens? Elaborar a primeira redação? Que ordem devo seguir? Há jovens dotados de grande intuição estratégica que se perguntam instintivamente: «Qual é a melhor maneira de fazer este trabalho?». Outros limitam-se a desenvolvê-lo, porventura sem refletir e escolhendo o caminho mais difícil.

2. Redação de um plano de trabalho e de uma tabela dos tempos de execução. Há alunos que na fase de planificação estratégica estabelecem uma tabela de tempos e marcam um prazo para terminar o trabalho. É útil escrever o plano e



Escrever reforça a memória, a linguagem, a atenção aos pormenores, a capacidade de resolver problemas e outras importantes funções cerebrais, harmonizando-as entre si. É por isso mais que justificado insistir para que uma criança aprenda a escrever com desenvoltura.



apresentá-lo ao professor antes de começar. Os alunos deveriam habituar-se a dedicar tempo e cuidado à planificação dos projetos empenhativos. O mesmo se diga para os adultos.

3. Brainstorming. É vital ensinar os filhos a “gerar ideias”. Muitos preferem dedicar uma fase do seu trabalho ao desenvolvimento de ideias, sem se preocupar com a ortografia, a pontuação, as regras gramaticais ou outras necessidades práticas. As ideias que nascem do *brainstorming* podem ser registadas, anotadas numa folha ou escritas ao computador. Nesta fase, que é a mais adequada a dar espaço à criatividade e ao pensamento analítico, intervêm vários processos de geração de ideias.

4. Pesquisa. É a fase em que se recolhem os dados necessários para sustentar e enriquecer as teses que serão expostas consultando livros e revistas, navegando na Internet ou falando com amigos, familiares ou outras pessoas confiáveis. Deveria ser um momento de satisfação da curiosidade, entusiasmante e agradável.

5. Esboço. É outro momento. Ideias e dados são passados a pente fino a primeira vez, eliminando os que parecem menos úteis e importantes e conservando só o material

melhor, que pode ser registado em ficha no papel ou no computador. Esta fase preliminar pode prever também a redação de uma escala, eventualmente compreensiva de uma lista de subsecções.

6. Primeira redação. É a versão preliminar do texto; é crucial, mas pode ser desordenada e cheia de erros de ortografia e de gramática.

7. Versão corrigida. A primeira redação do texto é revista e corrigida e portanto eventualmente relida por pessoas competentes (por exemplo um professor ou um pai, mas também um colega de boa vontade) em condições de formular um juízo crítico. É a última ocasião para reler e avaliar o resultado, porventura com a ajuda de uma *checklist*. Nesta fase são feitas as correções de última hora. Os alunos devem habituar-se a aprender com os erros. E sobretudo que quem faz notar os seus erros é um amigo.

8. Versão definitiva. Nesta altura o texto está corrigido, completo e terminado, pronto a ser lido e admirado. •

RUI MADEIRA ENTREVISTA PADRE MANUEL PINHAL

«Dom Bosco e Baden-Powell complementam-se na perfeição»



Rui Madeira, escuteiro desde criança e atual dirigente do Agrupamento dos Prazeres, interpela o pároco da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora e assistente do agrupamento, que ao longo de toda a sua vida foi um promotor do escutismo.

ILUSTRAÇÃO DE NUNO QUARESMA

Como surge o escutismo na vida do Pe. Pinhal?

Quando era pequeno, passaram escuteiros pela minha terra e fiquei apaixonado. Todavia nunca tive oportunidade de experimentar o escutismo enquanto jovem, porque na minha terra não havia, nem sequer lá por perto, mas ficou-me sempre o desejo de ser escuteiro. Entrei depois no seminário, fui ordenado padre e após a ordenação fui destinado a vir para a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, auxiliar o Pe. Amador Anjos, pároco da altura. Quando aqui cheguei, tomei conhecimento de um grupo de quatro jovens que se auto-intitulavam escuteiros, mas que ainda não eram. Reuniam-se num cubículo da cripta, com poucas condições. Eu ajudava na Paróquia e na Pastoral Juvenil, abordei-os e vi que eles estavam entusiasmados. Corria o ano de 1975, ano da minha ordenação sacerdotal. Na altura, tinha eu começado a acompanhar um grupo coral e simultaneamente acompanhava o escutismo. Dois anos mais tarde, ajudei também a fundar e a filiar o Agrupamento do Troviscal, donde sou natural.

Que cargos desempenhou enquanto escuteiro?

Durante o ano de 1976, 1 de abril é a data de filiação do agrupamento, fizemos as primeiras promessas de escuteiros e trabalhamos muito na construção e decoração da sede, que funcionava no sótão do edifício que agora alberga o primeiro ciclo e secundário. Houve algumas pessoas que acreditaram em nós, entre elas o Chefe Velês da Costa, antigo

Chefe Nacional do CNE, e que nos deram muita força para continuar. Na altura, desempenhava eu o papel de Chefe de Agrupamento e o Assistente era o Pe. Amador. Passado algum tempo, o Pe. Agostinho Silva, salesiano, passou a ser o Chefe de Agrupamento e eu o Assistente de Agrupamento. Mais tarde, viria a ser Assistente Regional de Lisboa durante três anos, a convite de D. Maurílio de Gouveia, então Bispo Auxiliar de Lisboa. Foi uma experiência interessante e em que pude começar com as reuniões de Assistentes de uma forma mais regular,

onde eram abordados temas sobre a adolescência e a sua espiritualidade. Fui também recentemente Assistente de Agrupamento, durante um ano, no Agrupamento dos Salesianos do Estoril.

Como é que o carisma salesiano e o escutismo se complementam?

Complementam-se na perfeição. Nós salesianos devemos, logo à partida, estar no meio dos jovens; os escuteiros são jovens, estamos com eles. Quer os jovens escuteiros, quer os seus animadores e dirigentes, têm o mesmo espírito de doação, de

AGRUPAMENTOS EM AMBIENTES SALESIANOS



AGRUPAMENTO 34 VENDAS NOVAS S. JOÃO BOSCO SALESIANOS VENDAS NOVAS
54 elementos: Lobitos, 12; Exploradores, 24; Pioneiros, 10; Caminheiros, 1; Dirigentes/ Animadores, 7.
Alcateia 20, S. Francisco de Assis; Expedição 10, S. Domingos Sávio; Comunidade 2, São José; Clá 17, São Filipe de Nery.



AGRUPAMENTO 75 ESTORIL S. JOÃO BOSCO SALESIANOS ESTORIL
144 elementos: Lobitos, 34; Exploradores, 44; Pioneiros, 25; Caminheiros, 13; Dirigentes/ Animadores, 28.
Alcateia 43, S. Domingos Sávio; Expedição 30, S. João Bosco; Comunidade 61, Serpa Pinto; Clá 42, St.ª Eufémia.

abertura total e continua à juventude, como nós salesianos, a exemplo de Dom Bosco. A espiritualidade simples de Dom Bosco, das coisas do dia-a-dia, aplica-se na perfeição ao escutismo. Baden-Powell, fundador do escutismo, idealizou o escutismo sempre com uma vertente espiritual, todo o escuteiro tem uma dimensão espiritual. Participei em dois dos três acampamentos realizados até à data, que reuniram os escuteiros das obras salesianas. Os acampamentos "Dom Bosco". Nestas atividades pude confirmar que Dom Bosco e Baden-Powell se complementam na perfeição, a exemplo do tema do último realizado em Évora, "Dois homens, um sonho: a juventude".

Deixe-nos uma última palavra para todos os escuteiros das casas salesianas e outros que possam ler esta entrevista no Boletim Salesiano.

Estar "Sempre Alerta para Servir" e nunca esquecer o primeiro artigo do escuteiro: "o escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda a sua vida!" •



**AGRUPAMENTO 79 PRAZERES
BEATO MIGUEL RUA
SALESIANOS LISBOA**

100 elementos: Lobitos, 20; Exploradores, 32; Pioneiros, 27; Caminheiros 2; Dirigentes/ Animadores, 19.
Alcateia 24, Santo António; Expedição 35, S. Cristóvão; Comunidade 26, S. João de Brito; Clã 51, S. José.



**AGRUPAMENTO 320 ÉVORA
S. FRANCISCO DE SALES
SALESIANOS ÉVORA**

170 elementos: Lobitos, 40; Exploradores, 54; Pioneiros, 28; Caminheiros, 14; Dirigentes/ Animadores, 34.
Alcateia 11, S. Luís Gonzaga; Alcateia 22, Santa Clara; Expedição 9, S. João Bosco; Expedição 16, S. Domingos Sávio; Comunidade 8, Beato Miguel Rua; Clã 3, S. João de Deus.



**AGRUPAMENTO 550 MANIQUE
DOM BOSCO
SALESIANOS MANIQUE**

153 elementos: Lobitos, 32; Exploradores, 39; Pioneiros, 36; Caminheiros, 18; Dirigentes/ Animadores, 28.
Alcateia 24, N.ª Sr.ª das Neves; Expedição 35, S. Francisco de Sales; Comunidade 26, Santa Joana D'Arc; Clã 51, Ben Hur.

BRASIL

«Escutava-os... por dentro chorava»

Um povo altivo, guerreiro e de muita memória. É assim que o Pe. Natale Vitali, Conselheiro do Reitor-Mor para a Região da América Cone Sul, descreve os Yanomami que visitou durante a sua viagem à Província Salesiana de Manaus, no Brasil.

«Deixamos Santa Isabel às 5.30h. A barca que nos levaria à Missão Salesiana Sagrada Família, de Marauaiá, tem perto de 10 metros de comprimento por metro e dez de largura. Leva dois motores. Sempre dois. Porque se um falha, haverá o outro... De facto, ao sair, um não pega (como sempre nestes casos). Todos me olham com ares que me dizem: “Não podemos partir”. Mas eu digo-lhes: “Vamos com um, a Providência nos acompanhe!”. Só mais tarde me dei conta da minha imprudência...

Ao fim de cinco horas, chegamos à primeira comunidade, Piranha. Ali vivem perto de 200 Yanomamis em várias cabanas ou xaponos, construções típicas das tribos do sul da Venezuela e do norte do Brasil. Todos os alunos estavam na praia à nossa espera para saudar “o Superior de Roma”. Cheguei à escola dando a mão a cerca de 50 Yanomamis que lutavam entre si para ma poderem apertar.

A escola era uma cabana limpa, com bancos de madeira. Fizemos discursos, declamamos poemas e agradecemos pelo trabalho que lhes prestam os salesianos. Têm três professores Yanomamis, isto é, três rapazes, que estão a concluir a escola superior: escutava-os... mas por dentro chorava.

Os Yanomamis eram um povo muito temido pela sua belicosidade: temidos pelos brancos, pelos “caboclos” e mesmo pelos próprios indígenas. Só os Salesianos têm trabalhado com eles e ainda o fazem.

Chegámos ao xapono, conjunto de cabanas dispostas em círculo, construídas em clareiras no meio da floresta a partir da madeira derubada e cobertas pelas folhas de palmeiras. No centro do círculo das cabanas, de formato cónico ou retangular, é deixado um amplo espaço aberto. Nas casas há apenas redes para dormir e ao centro o fogo

(mesmo que estejam 40°). Vivem da caça e do que espontaneamente oferece a natureza. Não trabalham.

São um povo feliz e atualmente também acolhedor, dotado de memória prodigiosa: sobretudo não esquecem aquilo que se lhes promete: vão recordá-lo, mesmo 20 anos depois. Por isso me advertiram: “Não prometa nada: ficará envidado para sempre!”

Os Salesianos, mesmo depois de 50 anos de convivência, ainda não iniciaram o tempo da evangelização explícita: espera-se poder começar no próximo ano». • PE. NATALE VITALI/ANS

[O empenho missionário salesiano prioritário na região, além da evangelização, foi sempre o de promover a agricultura e os cuidados sanitários, coadjuvados pela educação nas escolas e nos centros de formação profissional.

A ação salesiana sempre deu especial atenção à cultura local, como o comprovam as edições da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, Mato-Grosso do Sul, de instituições universitárias. Demonstram-no a publicação da Enciclopédia Bororo, as obras de sistematização das línguas bororo e xavante, a abertura do Centro de Documentação Indígena (CDI) e o Museu das Culturas Dom Bosco’. (CG27)]

Pe. Natale Vitali em visita a Marauaiá com os Yanomami





Alunos brincam no pátio junto ao edifício do Colégio



FMA EM VENDAS NOVAS

Colégio Laura Vicunha

O Colégio Laura Vicunha situa-se em Vendas Novas, “sala de visitas do Alentejo”, numa região “de fronteira” entre as áreas próximas da grande Lisboa e a entrada na região alentejana.

ANA CARVALHO/FMA

Laura Vicunha, jovem argentina, viveu no início do século XX, foi aluna das Irmãs Salesianas no Chile e um modelo de adolescente profundamente crente em Jesus e Maria. Em 1998 foi declarada Bem-aventurada pelo Papa João Paulo II.

O Colégio Laura Vicunha iniciou a sua atividade educativa em 1966, no atual edifício da GNR, sendo apenas frequentado por alunas. Em 1972, a escola transferiu-se para as atuais instalações, ganhando uma nova projeção e aumento de alunos. Para melhor se responder a um novo crescimento, construiu-se em 2003 um edifício específico para o primeiro ciclo.

Reconhecendo o trabalho desta escola salesiana, a autarquia atribuiu-lhe, em Setembro de 2007, a Medalha de Mérito Municipal, Classe de Ouro.

O Colégio Laura Vicunha tem passado por fases muito diferentes ao longo dos quase 50 anos de existência. Na década de 80, os alunos

vinham dos arredores e montes vizinhos, atingindo os 400, chegando a existir três turmas de cada ano do ensino básico. Com o alargamento da rede escolar, os alunos foram diminuindo e nos anos sucessivos foi necessário muito esforço para fazer face às dificuldades crescentes.

Uma das atividades que veio dar muita vida e, de certa forma, criar uma nova imagem do colégio, foi a Escola de Música, sob a orientação do professor Pedro Zagalo. Teve o seu início em 2007, com um número muito reduzido de alunos, como atividade extraletiva. A vontade de vencer e de dar um rosto muito salesiano a uma obra que bem o merecia, não deixou baixar os braços e, ano após ano, o aumento dos alunos foi notório e hoje conta com a frequência de 102 “praticantes”. Ocorreu no passado dia 7 de junho a celebração dos 10 anos de existência com um maravilhoso sarau. Como atividade complementar à música, iniciou-se a classe de dança em 2013, que continua muito ativa e com grande vigor e dedicação por parte da professora Raquel Varela em profunda sintonia com a música.

Hoje, o Colégio oferece continuidade educativa: do pré-escolar, dos 3 aos 5 anos; ao 1.º, 2.º e 3.º ciclos. O Pré-Escolar é uma IPSS, instituição

pública de segurança social.

Nos últimos quatro anos, houve uma modernização das instalações e equipamentos. O número de alunos subiu ligeiramente, continuando, no entanto, muito aquém da capacidade das instalações.

O desporto é outra mais-valia, desenvolvendo a maior atividade na variante de Desporto Escolar.

A presença das irmãs salesianas não se limita à escola. Desde sempre desenvolveram uma atividade pastoral nas duas paróquias dirigidas pelos salesianos, na catequese e animação litúrgica, quer na cidade como nos lugares limítrofes. •



ESTATÍSTICAS

Pré-Escolar: 37
 1.º ciclo: 70
 2.º ciclo: 34
 3.º ciclo: 50
 Professores: 21
 Auxiliares: 10 • AC



Colle Dom Bosco: onde começou o sonho de Dom Bosco

CAMPOBOSCO 2014: VAMOS CONTIGO!

Peregrinação juvenil aos lugares santos salesianos

“*Vamos contigo donde quiera que tu vayas...*” escutava-se repetidamente no pátio de Martí-Codolar na primeira noite do **CampoBosco 2014**. Era o hino do encontro e era importante que ficasse na memória. Os 16 portugueses juntaram-se aos 400 espanhóis em Martí-Codolar, a casa de Barcelona onde Dom Bosco tirou a conhecida foto de Barcelona. Toda aquela alegria, festa e carinho por Dom Bosco tinham demasiado impacto sobre alguém que, como eu, não estava por dentro dos ambientes salesianos. Mal sabia que aquilo era apenas o início de nove dias intensos a nível físico e emocional.

No segundo dia em **Barcelona**, visitámos Sarrià, bairro em que se encontram as Escolas Profissionais, e também Can Prats, lugar que alojou Dom Bosco e onde teve o famoso sonho das missões. Ali perto, as Filhas de Maria Auxiliadora acolheram também os participantes na Torre Gironella, a primeira casa das Salesianas em Espanha. Passámos pelo Tibidado, a montanha oferecida a Dom Bosco durante a sua visita, com o objetivo de ali construir um templo ao Sagrado Coração de Jesus.

O terceiro dia era aguardado com expectativa. Às 6.30h já estávamos nos “campobus” a caminho do **Colle Dom Bosco**, lugar de nascimento de Dom Bosco. Apesar do cansaço das 15 horas de viagem, a chegada ao Colle foi vivida com muita intensidade por todos. Aquela era a casa de Dom Bosco, mas era também a nossa casa.

Acolhidos pela Madre Yvonne Reungoat, Superiora Geral das FMA, a visita a **Mornese** e à **Valponasca** no dia seguinte foi, para mim, uma surpresa! Apesar da chuva, que obrigou a alterar planos, a descoberta de Maria

Mazzarello, da sua Fé e do seu trabalho com as meninas pobres de Mornese, foi um dos pontos altos da viagem.

Vamos a meio do CampoBosco quando partimos à descoberta dos lugares de infância de Dom Bosco, e o quinto dia seria passado ali mesmo no **Colle Dom Bosco**, onde visitámos a casa onde cresceu e o Prado dos Sonhos. No dia seguinte visitámos **Castelnuovo**, **Chieri** e outras povoações que foram importantes no caminho de Dom Bosco e de Domingos Sávio.

Em **Turim**, no sétimo e oitavo dias, ficámos a conhecer o “padre” João Bosco e a fundação do primeiro oratório, **Valdocco**. Visitámos outros lugares especiais na vida de Dom Bosco como a igreja de S. Francisco de Assis, a igreja da Consolata, ou o mercado de Porta Palazzo de onde Dom Bosco conhecia muitos dos jovens que levava depois para o Oratório. Nestes dias em **Turim** tivemos a presença constante do Reitor-Mor, Pe. Ángel Fernandez.

A terminar a nossa peregrinação, bem ao estilo salesiano, tivemos uma festa com vários números preparados pelas várias províncias.

No dia seguinte, as 15 horas de viagem foram vividas de maneira completamente diferente. Se à ida foi a expectativa que nos dominou, o regresso foi dominado por um forte sentimento de gratidão por tudo o que vivemos e trouxemos conosco.

Sabia que, além de “turismo religioso”, esta peregrinação ia ser também um tempo de reflexão e descoberta interior... O que eu não sabia é que Dom Bosco e Maíri iam roubar o meu coração da forma como o fizeram. • MIGUEL MENDES



ACAMPAMENTO MJS

Louvar Deus com a natureza

Paredes da Vitória, pequena localidade costeira no concelho de Alcobaça, acolheu, entre os dias 21 e 25 de julho, os cerca de 290 participantes no Acampamento MJS 2014. Pré-adolescentes, adolescentes e jovens provenientes das diversas casas salesianas do país juntaram-se para uma semana de alegria, convívio, oração e reflexão tendo como pano de fundo a natureza, maravilhosa criação de Deus.

Os três campos tiveram cada um o seu tema, que foi trabalhado através de jogos, reflexão, trabalhos de grupo. Os pré-adolescentes refletiram nos núcleos da Espiritualidade Juvenil Salesiana com o tema “Os minionboscos... à conquista da mudança”; de forma a aprofundar

as virtudes cardeais, os Adolescentes dinamizaram o tema “Peregrinos da alvorada”; e o campo dos jovens trabalhou o tema “Espiritualidade Juvenil Salesiana - *person of interest*”.

O Acampamento terminou com a celebração da Eucaristia presidida pela Pe. Luís Almeida vivida intensamente por todos os participantes.

Uma palavra de apreço aos responsáveis de cada campo, bem como aos respetivos animadores pelo esforço e dedicação ao longo da semana, contribuindo para o sucesso deste Acampamento e por fazer com que cada participante saísse mais fortalecido na fé e na amizade com Jesus e Dom Bosco. • MICHAEL FERNANDES

CABO VERDE E MOÇAMBIQUE

Voluntários salesianos em missão

A iniciativa “Voluntariado Internacional 2014”, promovida pelo Programa D. Bosco Projeto Vida, teve este verão uma surpreendente adesão de 60 participantes, provenientes de várias regiões do País.

Todos aceitaram o desafio de levar a obra de D. Bosco às comunidades desfavorecidas dos países lusófonos, tendo sido formados e preparados desde janeiro para a sua estadia e para as atividades programadas.

Na comunidade de Évora foi criada a “**Missão aFÉto**” que levou às crianças e jovens de Cabo Verde educação, fé e amor. Promoveu o bem-estar de quem mais precisa nos bairros Castelão e Achada Grande Frente e Trás, na Ilha de Santiago.

A “**Missão Morabeza**”, criada pelas comunidades do norte, esteve também presente na cidade da Praia. Dedicando as suas atividades aos bairros de Ponta D’Água, Safende e Pensamento.

De Lisboa foi enviada a “**Missão Boa Vista**”, um grupo que continuou o trabalho iniciado em 2013 com as crianças do bairro da Boa Esperança, em Sal-Rei, Boa Vista. Assim como a “**Missão SALES XXI**”, constituída pelo grupo de Cascais, que foi acolhida pelas comunidades cristãs de Espargos e Santa Maria, na Ilha do Sal.

O programa em Cabo Verde contou também com os voluntários que participaram no Campo de Férias da Escola Salesiana de São Vicente, no Mindelo. E, em Mo-

çambique, Inharrime e Moatize receberam os nossos enviados de braços abertos.

O Projeto Vida agradece a todas as entidades que apoiaram esta iniciativa! • VANESSA SANTOS



Crianças do Bairro da Boa Esperança recebem diplomas © Maria Rio

PROGRAMA D. BOSCO

Acompanha as atividades no Facebook em [facebook.com/programadbpv/](https://www.facebook.com/programadbpv/)

LISBOA

Paroquianos em viagem ao Vietname e ao Camboja

Templo Bayon é o principal templo da antiga cidade khmer de Angkor Thom, Camboja



Eram 14h15 de dia 31 de julho e o grupo de 48 participantes começou a grande viagem, rumo ao Vietname e ao Camboja, organizada pela Paróquia de N.ª Sr.ª dos Prazeres juntamente com a ML Viagens e Turismo do Porto. Paroquianos e muitos amigos vindos de perto e de longe. Lamentada a ausência da família Bacelar.

Viagem longa e cansativa: Lisboa

- Dubai - Dubai - Ho Chi Minh (Saigão), 15 horas de voo, com bastantes de espera no Dubai.

Vietname: país unificado, a reconstruir-se do pós-guerra. Gente pobre, descendente de chineses. Reconstruído sobre os destroços da guerra, mas com os traços da ex-colónia francesa. Salientamos o bellissimo acolhimento que tivemos na Casa Provincial e Teologa-

do Salesiano. Fomos recebidos pelo Pe. Provincial que nos brindou com água fresca e uns frutos saborosíssimos. Ai celebrámos a Eucaristia.

Segunda Etapa: Ho Chi Minh - Siem Reap, no Camboja. Mergulhámos noutra civilização, fantástica, monumental, do século X ao XIII. Abandonada a partir daí; descoberta pelo primeiro europeu, um frade franciscano português em 1585, mas continuando no abandono até ao fim do século XIX e tornando-se Património da Humanidade em 2003. Povo muito pobre, de ascendência indiana. Em toda a parte se viam vendedores de qualquer coisa por um dólar, mesmo crianças de 4 e 5 anos. Salientamos a paupérrima aldeia flutuante no rio Mecom (que nasce no Tibete e desagua no Vietname, 4.800 km depois). Esta aldeia flutuante tinha escola flutuante, igreja católica flutuante, mercados e cafés flutuantes, pobreza flutuante... Antes visitámos os mosteiros de Angkor Wat, Bayone e outros, invadidos pelas velhas árvores que seguram agora os seus muros.

De regresso. Nova aventura com 16 horas de viagem. • MANUEL PINHAL

ROMA

Salesianos recebidos pelo Papa Francisco



No final do Capítulo Geral 27, reunião magna dos Salesianos de Dom Bosco, os participantes foram recebidos no Vaticano

pelo Papa Francisco que cumprimentou cada um dos capitulares. Na foto com o Provincial, Pe. Artur Pereira. •

CABO VERDE

Aluna vence Gala Internacional dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz



Cindy Apolinário, de 9 anos, aluna do 4.º ano da Escola Salesiana de Artes e Ofícios de S. Vicente, conquistou o 1.º lugar na categoria Melhor Interpretação Estrangeira na 26.ª Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz que decorreu no dia 10 de agosto. Cindy interpretou a canção "Olá Meninos" do autor cabo-verdiano Homero Andrade. • JOSÉ CARLOS DUARTE NEVES

LISBOA

Formação para educadores salesianos

Vinte e seis educadores das Escolas Salesianas participaram, em Lisboa, entre os dias 25 de agosto e 5 de setembro, no curso de formação visando o aprofundamento da sua identidade de educadores cristãos num centro salesiano. O Conselheiro Regional para o Mediterrâneo, Pe. Stefano Martoglio, foi o primeiro orador do curso ministrado pelo Centro de Formação Salesiana da Província Portuguesa. O curso compreende um segundo momento em julho de 2015 e o acompanhamento em regime de *e-learning*.



MANIQUE

Criado Centro de Antigos Alunos



A culminar a caminhada já com cerca de uma dezena de anos, no dia 29 de julho, dia de Santa Marta, reuniu-se um pequeno grupo disposto a 'prestar serviço'.

Perante o Delegado Nacional da FS, Pe. Rocha Monteiro, Salesianos de Dom Bosco e Antigos Alunos, tomaram posse os elementos dos Órgãos Sociais do Centro dos Antigos Alunos Salesianos de Manique, eleitos em Assembleia Geral.

É de salientar que nos últimos meses se intensificaram as diligências do grupo de trabalho, realizando várias reuniões com o objetivo

de interessar, envolver e dinamizar, para se constituir, aprovar e obter, finalmente, a oficialização legal da Associação.

Como compromisso mais próximo está a representação do novo 'Centro' nas celebrações do 2.º Centenário de Dom Bosco em Turim (2015) e a participação na Assembleia Mundial, de outubro, em Roma. • ANTÓNIO GUILHERMINO PIRES

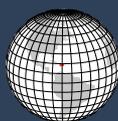
POIARES

Salesianos fazem Profissão Perpétua



A Província Salesiana Portuguesa celebrou, no dia 19 de julho, a Profissão Perpétua dos salesianos Casimiro Morais e Salvador José. Após um longo período de seis anos de formação, confirmaram a sua decisão de ser Salesianos de Dom Bosco. O ato da Profissão aconteceu na Missa solene concelebrada na Paróquia S. Miguel, Poiares da Régua, presidida por D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda. O padre Artur Pereira, Provincial, recebeu as Profissões. Estiveram presentes o bispo emérito de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, salesianos, amigos e antigos alunos timorenses, além de muitos paroquianos e jovens.

Depois da Eucaristia, teve lugar um animado almoço-convívio. • FERNÃO XIMENES



SANTO DOMINGO, REPÚBLICA DOMINICANA

Rede salesiana : 30 anos a mudar a vida de menores periclitantes



Em 1985 um grupo de jovens da Paróquia “Maria Auxiliadora”, de Santo Domingo, atentos à situação em que trabalhavam e viviam as crianças no bairro, iniciou um projeto piloto de acompanhamento desses pequenos, para ajudá-los a tornar-se agentes do seu próprio desenvolvimento e a construir uma vida digna. Assim nasceu o primeiro projeto que, em quase 30 anos de existência, levou à criação de uma dúzia de centros da ‘Rede Dom Bosco’.

O projeto “Muchachos y Muchachas con Don Bosco” desenvolve-se através de doze centros, oito dos quais na capital da República Dominicana, Santo Domingo, dando apoio a perto de 3.000 crianças

entre os 6 e os 17 anos através da ação generosa de 300 voluntários e graças à contribuição de muitas benfeitores em tudo o mundo.

A rede é uma organização educativa que nos seus 30 anos de existência contribuiu para melhorar a vida de mais de 25.000 crianças e adolescentes em risco e vulnerabilidade, principalmente devido à pobreza, à desagregação dos seus núcleos familiares e à exploração.

“Nos bairros, nas paragens de autocarro, junto às lojas, aos hospitais..., é ali que estes jovens vão engraxar os sapatos dos transeuntes e vender vários produtos”. Os educadores salesianos, antes de intervir, observam. “Uma vez estabelecido o primeiro contacto com as crianças, aproximamo-nos das famílias, e tentamos inserir os menores nos programas mais adequados para eles”, explica Pe. Ángel Sánchez, Diretor da Rede Dom Bosco.

Foi deste modo que mais de 20.000 menores foram escolarizados, 25.000 participaram em atividades de verão, mais de 20.000 receberam formação profissional e, conseqüentemente, mais de 30.000 famílias viram as suas condições de vida melhorar.

O Pe. Sánchez espera que o Estado duplique o orçamento anual dado ao projeto, o que permitiria introduzir também cursos tecnológicos e contratar mais professores. • ANS

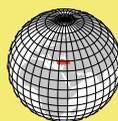


ROMA, ITÁLIA

Novo Conselho Geral em Sessão Plenária de Verão



Decorreu entre 3 de junho e 11 de julho a Sessão Plenária de Verão do novo Conselho Geral: seis semanas de trabalho, nas quais o novo Conselho, eleito pelo Capítulo Geral 27, irá traçar as linhas de ação para os próximos seis anos. • ANS



ISTAMBUL, TURQUIA

Colônia de Férias acolhe refugiados iraquianos



No mês de julho realizou-se em Istambul, na Turquia, a colônia de férias para Crianças e Jovens, coordenada pelo Pe. George Wadia. Este ano participaram 170 crianças refugiadas iraquianas. • ANS



COLLE DOM BOSCO, ITÁLIA

Reitor-Mor preside à abertura das comemorações do Bicentenário



“Da colina dos Becchi declaramos aberto o ano de comemoração do Bicentenário de Nascimento de Dom Bosco”. Estas foram as palavras com que, a 16 de agosto, o padre Ángel Fernández Artime concluiu o discurso de abertura do Bicentenário.

O Reitor-Mor recordou que o carisma salesiano é um presente para toda a Igreja em favor dos jovens. “Hoje, como família de Dom Bosco, como família religiosa Salesiana, temos conosco muitas autoridades civis e eclesiais, amigos de Dom Bosco e jovens, nas mesmas colinas que o viram nascer, para anunciar o início da celebração deste bicentenário de seu nascimento, que terá como o ponto de chegada - após três anos de preparação e um de celebração - o dia 16 de agosto de 2015, marco do 200.º aniversário da sua presença na Igreja e no mundo, para o bem dos jovens.”

Com um profundo sentimento de gratidão ao Senhor por Dom Bosco e o movimento espiritual que ele foi capaz de criar, o Reitor-Mor recordou cada um dos grupos que são inspirados pelo santo da juventude, e acrescentou: “Acreditamos que este Bicentenário será uma oportunidade para uma autêntica renovação espiritual e pastoral, na nossa família, uma oportunidade para reviver o carisma e tornar Dom Bosco atual, como sempre tem sido para os jovens.”

E concluiu afirmando que o Bicentenário será “um tempo para contribuir humildemente com o que faz parte de nossa essência carismática: O nosso compromisso de ler as realidades sociais, especialmente aqueles jovens que nos tocam”. Disse ainda que, frente aos jovens, **é preciso manter “a nossa fé e total confiança em cada jovem, nas suas habilidades e capacidades; manter a nossa certeza em relação à bondade de seus corações, quaisquer que sejam as suas histórias, acreditar na possibilidade de serem donos e protagonistas de suas vidas, tendo a nossa presença ao seu lado, se a aceitarem, para desenvolver plenamente os**

seus talentos e a sua vocação plenamente humana e cristã”.

Depois da abertura, o dia começou com a procissão da imagem de Nossa Senhora do Cinto pela população de Castelnuovo e muitos outros fiéis até a praça do Colle Dom Bosco, local das festividades. O cenário perfeito para acomodar o grande número de peregrinos reunidos para a festa foi enriquecido por apresentações de magia, acrobacias, música e encenações históricas, com a ajuda e orientação do Reitor da Basilica, padre Egidio Deiana.

Estiveram presentes várias autoridades religiosas e civis: D. Guido Fiandino, Bispo Auxiliar de Turim, e D. Ravinale Francesco Guido, bispo de Asti; e o prefeito de Asti, Pierluigi Faloni.

Seguiu-se a Eucaristia, presidida pelo Reitor-Mor e concelebrada por sacerdotes salesianos de toda a Itália. A Basilica do Colle Don Bosco encheu-se de fiéis e jovens.

No final do dia, o responsável da comuna de Castelnuovo, Giorgio Musso, concedeu a cidadania honorária ao Reitor-Mor, convidando todos os filhos de Dom Bosco a sentirem-se seus concidadãos. •

ANS



● OS FRUTOS DO BICENTENÁRIO: MENSAGEM DO REITOR-MOR - VÍDEO

Pode ver no canal do YouTube de ANSchannel em www.youtube.com/user/ANSchannel (Legendado em várias línguas, incluindo a versão em português).

● TEXTO INTEGRAL DO DISCURSO DE ABERTURA

A mensagem do Reitor-Mor, Pe. Ángel Fernández, pode ser lida em www.sdb.org/pt/Dom_Bosco/Bicentenario_Dom_Bosco/Documentos.



500 CRIANÇAS DAS PERFERIAS DE NÁPOLES E DE ROMA COM O PAPA

“A luz é sempre mais forte do que a escuridão”

O Papa Francisco recebeu quinhentas crianças das escolas primárias das periferias de Nápoles e de Roma. A iniciativa foi promovida pelo Conselho Pontifício da Cultura no âmbito do Pátio dos Gentios. No átrio do salão Paulo VI, as crianças, que chegaram a Roma num comboio posto à disposição pelas Ferrovias do Estado, abriram logo com o Pontífice um diálogo improvisado. O encorajamento do Papa a ter confiança no amor foi particularmente significativo para elas que vivem em contextos sociais «em risco de abandono e dispersão escolar» nos bairros napolitanos de Barra, Mercato, Miano, Scampia e Sanita e nos bairros romanos de Trigatoria e Colle Prenestino.

Parabéns a vós da Orquestra, e parabéns a vós da canção! Estivestes muito bem. Obrigado! [aplausos]

Destes-me alguns presentes. Um deles tinha terra das catacumbas. Tu, foste tu que mo deste?

Sim, fui eu!

Sim foste tu mesmo. E o outro presente que me trouxestes foi uma planta. Quem trouxe a planta?... uma planta. E disseste-me: «É a planta da luz...» - como era isto? A planta da luz para fazer um mundo... não ouço...

... melhor!

Melhor! Aqui dentro há terra das catacumbas...

... das Catacumbas de S. Januário!

S. Januário! São as mais importantes, não?

Sim!

Por serem em Nápoles, eh? [ri-se, riem]. Sois finórios, vós napolitanos! Mas diz-me: as catacumbas são na praia, à luz do sol?

Não!

Não. Onde são, as catacumbas?

Debaixo da terra.

Debaixo da terra. E nas catacumbas, há luz?

Não!

O que há?

A escuridão.

A escuridão. Mas, trouxestes-me terra da escuridão... Mas esta terra da escuridão que significa? Que significa esta terra da escuridão? Quem sabe? Quem sabe dizer? Porque me trouxestes "terra da escuridão"? Mais alto... mais alto, que não ouço...

Para a transformar em luz.

Para a transformar em luz. A escuridão é para a luz: quando é de noite, é tudo escuridão. Mas nós esperamos a madrugada, quando começa a luz. O que é mais importante - esta pergunta - a escuridão, ou a luz?

A luz!

A luz! E quando nós estamos na

escuridão, o que é mais importante fazer? Ir?...

... para a luz.

... para a luz, buscar...

... a luz.

A luz. Dentro de nós, sempre. Porque a luz dá-nos alegria, dá-nos esperança. E todos nós podemos encontrar a luz?

Sim!

Aqui está, acertaste! Tu não tens dúvidas! Diz: podemos?

Sim!

Todos, agora: podemos?

Sim!

Sim! Porque na luz estão as coisas boas, e na luz pode fazer-se aquilo que me dissestes quando me oferecetes a planta: fazer com que os frutos nos ajudem a fazer um mundo...

... melhor!

Melhor. E pode-se fazer um mundo melhor?

Sim!

Melhor do que este?

Sim!

Sim. E melhor do que o mundo em que eu vivo?

Sim!

Sim. E para fazer um mundo melhor, como se faz? Com o ódio, faz-se com o ódio?

Não!

Bem, diz, diz mais alto!

Com o amor!

Com o amor. Com o amor. Todos juntos, como irmãos, lutando uns ao lado dos outros pelo amor. E para isto, dir-vos-ei uma coisa: quando o apóstolo João, que era tão amigo de Jesus - tão amigo - queria dizer quem é Deus, sabeis o que disse? «Deus é amor». Que belo! Quem é Deus?

É amor!

Mais alto!

Amor!

Deus é amor. E nós caminhamos em direção à luz para encontrar o amor de Deus. Mas o amor de Deus está dentro de nós, mesmo nos momentos de escuridão? Está lá o amor de Deus, escondido? Sim, sempre! O amor de Deus nunca nos abandona. Está sempre conosco. E temos confiança neste amor?

Sim!

Obrigado pela vossa visita, sinto-me feliz por estar convosco, por estarmos todos juntos. Sinto-me feliz.

Também nós!

Também vós?

Sim, também nós!

Alguém de vós não está feliz?

Não!

Ah, bem. Está bem, está bem...

Todos nós estamos felizes... Queremos-te bem.

Muito obrigado! E agora vou rezar ao Senhor por vós, para que faça de vós meninos, meninas, rapazes, raparigas, homens, mulheres que levam à frente o amor. Quando o amor de Deus vai à frente, tudo vai bem. E agora quero dar-vos a bênção. Cada um de vós pense dentro do seu coração nas pessoas que ama, para que sejam abençoadas. [Bênção]

Está bem... E não há outra canção?

Sim...

E cantamos outra... •

Futuros

O consumo de álcool por crianças e jovens em Portugal deve preocupar autoridades, pais e escola.

Educar para a cidadania

Ver crianças com 13 anos alcoolizadas à porta de bares é cada vez mais habitual e comum. Isso é confirmado por estudos recentes do Instituto da Droga e da Toxicodependência. As conclusões mostram que os jovens portugueses experimentam bebidas alcoólicas cada vez mais cedo e embriagam-se mais amiúde. Oito por cento dos alunos com 13 anos revela ter-se embriagado, situação admitida por 53,9% dos jovens com 18 anos.

É fácil dizer que a culpa é do Estado e que devem ser as autoridades a tomar medidas preventivas e dissuasoras.

E os Pais? E a Escola? Não têm uma palavra a dizer? Claro que têm!

Os Pais e a Escola não podem demitir-se. Ambos são agentes decisivos na educação. Prescindir da sua ação é comprometer todo o ato educativo e desviar do essencial a personalidade a construir.

Os pais devem saber quando o filho sai à noite, com quem sai, aonde vai e o que faz. E a Escola deve criar clubes, debates e estudos que permitam aos alunos discernir o perigo que correm quando se deixam influenciar pela maioria que dita comportamentos de risco.

A Família e a Escola constroem o futuro, apostando na educação das novas gerações, educando para a cidadania e para os valores éticos.

• A REDAÇÃO

A Fechar

Só Deus vê caras e corações.

«Dar vida ao sonho»

O olhar é a janela da alma. Será que por ela se pode ver o que vai dentro da pessoa? À cautela, a sabedoria do povo diz: «Quem vê caras não vê corações». Só Deus vê o que vai dentro do coração humano. Só Ele sabe olhar o mundo e ver para além do olhar.

Educar o olhar é o que há de mais subtil e humano. Começa no primeiro abrir de olhos. Segue na descoberta paulatina de cada outro e de cada coisa de cada dia. O olhar de fé transfigura o outro, enche de luz o céu e dá beleza às coisas. À esquina de cada acontecer há sempre um Alguém-Escondido-Presente que espregueira e guia os fios da meada. O «Pai do céu vê-te», assim em palavras simples e em gesto direito Mãe Margarida educa o olhar de Joãozinho.

É a essa fonte inesgotável que João Bosco leva os seus jovens para aí matar a sua sede de viver. E, ao sabor dessa água, levamos a olhar para a vida com outra confiança, abrindo olhos e coração, abraçando a aventura de cidadãos responsáveis no mundo e de cristãos felizes «agora e na eternidade».

Como introduzir a confiança num mundo que vive em estado de desconfiança, de desânimo e de depressão? Como levar às novas gerações «razões de crer e de esperar»? São perguntas postas aos educadores, hoje. Para encontrar a resposta, vale a pena olhar para João Bosco. À distância de 200 anos do seu nascimento. Se repararmos bem, ele tem um sonho, válido para os dias de hoje. Não há como unir as mãos e «dar vida ao sonho»! •



SIMÃO CRUZ
DIRETOR
SALESIANOS
DE LISBOA

© Katyaskazka,
Dreamstime

BOLETIM
SALESIANO
set/out 2014

Fruto de um chamamento

“Para um cristão, a vida não é resultado de puro acaso, mas fruto de um chamamento e de um amor pessoal”.

PAPA FRANCISCO

Dom Bosco precisa de continuadores para que a sua obra perdure no tempo, para o bem da juventude.

Se conhece algum jovem que procure um ideal de vida segundo o projeto de Dom Bosco lance-lhe o desafio. Quem sabe se esta aventura vai dar pleno sentido à sua vida?

Para saber mais contacte os responsáveis da pastoral dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora:
Pe. José Anibal Mendonça, anibal@salesianos.pt,
e Ir. Alzira Sousa, alzirasousa@gmail.com.

Un giorno con Don Bosco
Benvenuti al Colle Don Bosco

EUCARISTIA

MARIA



MEGA ENCONTRO
DE FORMAÇÃO

e-vangelizar 2014

Ir + Longe

O e-vangelizar é um encontro de formação para agentes da pastoral: catequistas, animadores, professores, consagrados... Num dia intenso de partilha, haverá mais de 30 workshops à tua espera. **Inscreve-te até ao dia 15 de Setembro por apenas 5€**

Mais informações em
evangelizar@edisa.salesianos.pt
[f/edicoesalesianas/events](https://www.facebook.com/edicoesalesianas/events)

MIRANDELA
20 SETEMBRO

PORTO
04 OUTUBRO

ESTORIL
11 OUTUBRO

